

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS**

**DAYANE DE OLIVEIRA GALVÃO**

**LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA:  
MARCAS DA DECOLONIALIDADE EM *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, E  
*PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

GOIÂNIA  
2024

**DAYANE DE OLIVEIRA GALVÃO**

**LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA:  
MARCAS DA DECOLONIALIDADE EM *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, E  
*PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Literatura e Crítica Literária, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura e Crítica Literária.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizete Albina Ferreira

GOIÂNIA

2024

Catálogo na Fonte - Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás

- G1821 Galvão, Dayane de Oliveira.  
Literatura negra de autoria feminina : marcas da decolonialidade em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo / Dayane de Oliveira Galvão. -- 2024.  
74 f.
- Texto em português, com resumo em inglês.  
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Elizete Albina Ferreira.  
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2024.  
Inclui referências: f. 71-73.
1. Reis, Maria Firmina dos, 1825-1917. 2. Literatura brasileira - História e crítica. 3. Evaristo, Conceição, 1946-. 4. Descolonização na literatura - Brasil. 5. Escritoras negras - Brasil. I. Ferreira, Elizete Albina. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Letras - 29/11/2024. III. Título.  
CDU: Ed. 2007 -- 821.134.3(81)-31.09(043)

**ATA Nº 261/2024**

**SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

No dia **29 de novembro de 2024**, às **08:30**, foi realizada via Webconferência, a sessão pública de Defesa de Dissertação de **DAYANE DE OLIVEIRA GALVÃO**, discente do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em **Letras** da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com trabalho intitulado **"LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA: MARCAS DA DECOLONIALIDADE EM ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, E PONCIÁ VIVÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO"**. A Banca Examinadora foi composta por: Profa. Dra. Elizete Albina Ferreira / PUC Goiás (Presidente); Prof. Dr. Divino José Pinto / PUC Goiás; Prof. Dr. Norival Bottos Junior / UFAM; Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima / PUC Goiás (Suplente) e Prof. Dr. José Elias Pinheiro / UEG (Suplente). O trabalho da Banca Examinadora foi conduzido pelo(a) Presidente da Banca que, inicialmente após apresentar os docentes integrantes da Banca Examinadora, concedeu 30 minutos ao(a) discente para que este(a) expusesse seu trabalho. Após a exposição o(a) Presidente da Banca concedeu a palavra a cada membro para que estes arguissem o(a) discente. A banca examinadora deliberou pela manutenção do título original do trabalho apresentado. Durante a arguição os membros da banca apresentaram suas contribuições ao trabalho, com sugestões para conclusão do estudo e apresentação dos resultados da pesquisa. Após o encerramento das arguições a banca examinadora, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do(a) discente, considerando sua trajetória no curso e o trabalho produzido. Como resultado a Banca Examinadora deliberou pela **APROVAÇÃO da Dissertação**. Proclamado o resultado pelo(a) Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente Ata que é assinada pelos membros da banca e pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras.

Goiânia, GO, 29 de novembro de 2024

Assinam esta Ata,  
Banca Examinadora

Profa. Dra. Elizete Albina Ferreira / PUC Goiás (Presidente); Prof. Dr. Divino José Pinto / PUC Goiás e Prof. Dr. Norival Bottos Junior / UFAM;

Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima - Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Página de assinaturas

**Elizete Ferreira**

Signatário

**Norival Júnior**

Signatário

**Divino Pinto**

Signatário

**Maria Lima**

Signatário

HISTÓRICO

- 29 nov 2024 11:16:47 **Maria de Fátima Gonçalves Lima** criou este documento. ( Email: [mestrado.let@pucgoias.edu.br](mailto:mestrado.let@pucgoias.edu.br) )
- 29 nov 2024 11:17:51 **Elizete Albina Ferreira** (Email: [elizetealbinaferreira@gmail.com](mailto:elizetealbinaferreira@gmail.com)) visualizou este documento por meio do IP 45.178.150.229 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil
- 29 nov 2024 11:17:56 **Elizete Albina Ferreira** (Email: [elizetealbinaferreira@gmail.com](mailto:elizetealbinaferreira@gmail.com)) assinou este documento por meio do IP 45.178.150.229 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil
- 29 nov 2024 11:19:06 **Divino José Pinto** (Email: [djlages16@gmail.com](mailto:djlages16@gmail.com)) visualizou este documento por meio do IP 45.191.204.89 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil
- 29 nov 2024 11:19:34 **Divino José Pinto** (Email: [djlages16@gmail.com](mailto:djlages16@gmail.com)) assinou este documento por meio do IP 45.191.204.89 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil
- 29 nov 2024 11:17:51 **Norival Bottos Júnior** (Email: [norivalbottos@ufam.edu.br](mailto:norivalbottos@ufam.edu.br)) visualizou este documento por meio do IP 45.65.144.112 localizado em Humaitá Municipality - Amazonas - Brazil
- 29 nov 2024 11:18:02 **Norival Bottos Júnior** (Email: [norivalbottos@ufam.edu.br](mailto:norivalbottos@ufam.edu.br)) assinou este documento por meio do IP 45.65.144.112 localizado em Humaitá Municipality - Amazonas - Brazil
- 29 nov 2024 11:47:03 **Maria de Fátima Gonçalves Lima** (Email: [fatimma@terra.com.br](mailto:fatimma@terra.com.br)) visualizou este documento por meio do IP 200.9.19.147 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil



29 nov 2024  
11:47:07



**Maria de Fátima Gonçalves Lima** (Email: [fatimma@terra.com.br](mailto:fatimma@terra.com.br)) assinou este documento por meio do IP 200.9.19.147 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil



Escaneie a imagem para verificar a autenticidade do documento  
Hash SHA256 do PDF original 4fbbc99bdc564e84564f02198504bfa0f4dbb32b9caee2256567955fd50358f  
<https://valida.ae/9006aa8b6ebfc3655e18d20a3411a859b9cb3c7eff9963d54>



*Aos meus pais, todo amor e gratidão.*

*“O que passou, passou, mas o que passou luzindo,  
resplandecerá para sempre”.*

*(Johann Goethe)*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sou grata a Deus por ter permitido que conseguisse trilhar esse caminho, dando-me saúde, determinação e sabedoria para que eu chegasse até esse presente momento preparando de uma forma especial o benefício da bolsa de estudos: PDPG Emergencial de Consolidação Estratégica dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) *stricto sensu* acadêmicos com notas 3 e 4 - PDPG-consolidação-3-4. Sem ela, não teria condições de dar andamento nessa formação.

Agradeço imensamente ao meu pai, Francisco dos Santos Galvão, e à minha mãe, Maria de Fátima Oliveira Galvão, que sempre acreditaram em mim e me ensinaram os melhores caminhos. Todo o apoio que precisava recebi deles incondicionalmente.

Aos meus irmãos, Wesley e Douglas, e minha irmã, Kelly, que sempre estiveram presentes na minha vida e na minha formação.

Aos meus cunhados, que não me deixaram nesse momento.

Aos meus sobrinhos maravilhosos, Juan Felipe, Henrique e Maria. Sou grata a Deus por permitir tê-los em minha vida.

Aos amigos, em especial Rômulo Acácio e Roseli Pitaluga, que ganhei nessa caminhada do mestrado e participaram dessa construção, deram-me o apoio que precisava, um conselho, um ânimo, tudo que fizeram permitiram que eu alcançasse esse objetivo.

Não poderia faltar meus filhos, Benjamim e Bianca, meu fôlego de vida, todo processo que passei, todo o esforço, o desenrolar de minha história entrelaça na história deles e sem esse laço não daria conta de continuar lutando.

Aos colegas de trabalho e colaboradores, em especial minha diretora Morgana, que tanto compreendeu e ajudou em todo momento, sendo muito compreensiva e humana. Todos me ajudaram nesse caminhar, me fazendo entender que, sem a colaboração das pessoas que estão ao nosso redor, não conseguimos chegar ao destino.

Ao professor, historiador e amigo José Santos, que muito me auxiliou com seu conhecimento e explicações.

À Capes, que concedeu a bolsa, para que eu pudesse realizar esse desejo.

Aos funcionários da PUC Goiás, em especial Professor Darlan, que me auxiliou desde o início, acreditou em mim e permitiu que eu continuasse lutando pelo Mestrado.

Aos doutores, mestres e guias, Elizete Albina Ferreira, Maria de Fátima Gonçalves Lima, coordenadora do PPGET, e todos os professores que, com muita alegria e força de vontade, auxiliaram e me conduziram à conclusão do mestrado.

À paciência da Professora Dra. Elizete, que mesmo com o meu conhecimento raso, veio e acreditou em mim e nunca me deixou. Uma profissional honrosa, de caráter exemplar, digna de sua função, orientadora maravilhosa. Levo-a para a vida, pois foi uma profissional que, me tomando pela mão, afastou meus medos e minhas inseguranças, encorajando-me a persistir e concluir.

## RESUMO

Entende-se por literatura negra a produção literária centrada na escrita de autoria negra, a partir de suas subjetividades, vivências e pontos de vista. Segundo Octavio Ianni, a configuração de um texto como pertencente à literatura afro-brasileira refere-se àquele que aborda tanto o sujeito afrodescendente no plano do indivíduo, como constitui-se em espaço de representação do universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura (1988, p. 209). Nesse sentido, o estudo de obras ficcionais que se inserem nesse bojo possibilita o resgate da história do negro em um contexto temporal específico, desde a denúncia da escravidão e de suas consequências, até a diáspora brasileira pós-libertação. No que se refere à instância da autoria, a existência de uma literatura afro-brasileira deriva do caráter particular dessa escrita estar circundada pela interação entre escritura e experiência, marcando o compromisso pela autenticação de seu teor identitário. Nesse sentido, este trabalho intenta trazer a lume os nomes de duas autoras negras representativas da literatura afro-brasileira, uma no contexto do séc. XIX, e a outra do séc. XXI: Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo. O recorte temporal que separa as duas autoras pretende traçar um panorama comparativo acerca das dificuldades das autoras. Suas subjetividades como mulher, mulher negra e escritora negra serão observadas em uma perspectiva diacrônica, a partir de questões de raça, gênero e o lugar das temáticas abordadas pelas obras escolhidas como *corpus* – *Úrsula* (1859) e *Ponciá Vicêncio* (2003). A pesquisa tem como enfoque a produção literária ficcional das escritoras e o referencial teórico pauta-se nos postulados de Aníbal Quijano (1997); Wendell Ficher Teixeira Assis (2014); María Lugones (2014); Octavio Ianni (1988); Peter Burke (1992); reflexões conduzidas a partir dos(as) teóricos(as): Elódia Xavier (1991); Virgínia Woolf (2019); Zahidé Lupinacci Muzart (2013); Mônica Yumi Jinzenji (2011); Anatol Rosenfeld (2009); Hans Robert Jauss (1979); Tzvetan Todorov (2009), entre outros. O exame de como essas obras abordam questões relacionadas à identidade, raça, gênero e classe social, bem como a exploração das semelhanças e diferenças nas perspectivas das autoras e nas representações das experiências das mulheres negras ao longo do tempo, objetiva contribuir para uma compreensão mais ampla da literatura produzida por mulheres negras no Brasil.

**Palavras-chave:** Literatura afro-brasileira. Maria Firmina dos Reis. Conceição Evaristo. Decolonialidade. Autoria Feminina Negra.

## ABSTRACT

Black literature is understood to be literary production centered on writing by black authors, based on their subjectivities, experiences and points of view. According to Octavio Ianni, the configuration of a text as belonging to Afro-Brazilian literature refers to that which addresses both the Afro-descendant subject at the level of the individual, as well as constituting a space for the representation of the human, social, cultural and artistic universe from which this literature is nourished (1988, p. 209). In this sense, the study of fictional works in this context makes it possible to recover the history of black people in a specific temporal context, from the denunciation of slavery and its consequences to the Brazilian diaspora after liberation. As far as authorship is concerned, the existence of Afro-Brazilian literature derives from the particular character of this writing being surrounded by the interaction between writing and experience, marking the commitment to authenticating its identity content. In this sense, this work aims to bring to light the names of two black authors who are representative of Afro-Brazilian literature, one in the context of the 19th century and the other in the 21st century: Maria Firmina dos Reis and Conceição Evaristo. The time frame that separates the two authors is intended to provide a comparative overview of the authors' difficulties, their subjectivities as women, black women and black writers will be observed from a diachronic perspective, based on issues of race, gender and the place of the themes addressed by the works chosen as corpus - *Úrsula* (1859) and *Ponciá Vicêncio* (2003). The research focuses on the fictional literary production of the writers and the theoretical framework is based on the postulates of Aníbal Quijano (1997); Wendell Ficher Teixeira Assis (2014); María Lugones (2014); Octavio Ianni (1988); Peter Burke (1992), reflections based on the theorists: Elódia Xavier (1991); Virgínia Woolf (2019); Zahidé Lupinacci Muzart (2013), Mônica Yumi Jinzenji (2011); Anatol Rosenfeld (2009); Hans Robert Jauss (1979); Tzvetan Todorov (2009), among others. Examining how these works address issues related to identity, race, gender and social class, as well as exploring the similarities and differences in the authors' perspectives and representations of black women's experiences over time, aims to contribute to a broader understanding of the literature produced by black women in Brazil.

**Keywords:** Afro-Brazilian Literature. Maria Firmina dos Reis. Conceição Evaristo. Decoloniality. Black Female Authorship.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1. LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA E OS ESTUDOS DECOLONIAIS.....	14
1.1 Nação, Narração e Arquivo .....	17
1.2 Estudos Decoloniais e Literatura.....	20
1.3 Literatura Brasileira Negra de Autoria Feminina.....	24
2 SER MULHER, SER NEGRA, SER AUTORA, SER AUTORA NEGRA.....	33
2.1 A Escrita Revolucionária de Maria Firmina dos Reis.....	35
2.2 Conceição Evaristo: a potência de uma escrita.....	46
3 <i>ÚRSULA E PONCIÁ VICÊNCIO</i> : ESCRITAS DA RESISTÊNCIA.....	52
3.1 <i>Úrsula e Ponciá Vicêncio</i> : a literatura como espaço de representatividade e identidade cultural .....	52
3.2 Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo: escrita e rasuras do eu .....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	66
REFERÊNCIAS.....	71

## INTRODUÇÃO

Entende-se por literatura negra a produção literária centrada na escrita de autoria negra a partir de suas subjetividades, vivências e ponto de vista. Segundo Ianni (1988, p. 209), a configuração de um texto como pertencente à literatura afro-brasileira refere-se àquele que aborda tanto o sujeito afrodescendente no plano do indivíduo, como constitui-se em espaço de representação do universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura.

O estudo de obras ficcionais que se inserem nesse bojo possibilita o resgate da história do negro em um contexto temporal específico, desde a denúncia da escravidão e de suas consequências até a diáspora brasileira pós-libertação. No que se refere à instância da autoria, a existência de uma literatura afro-brasileira deriva do caráter particular dessa escrita estar circundada pela interação entre escritura e experiência, marcando o compromisso pela autenticação de seu teor identitário. No caso específico de obras da literatura negra de autoria feminina é necessário pensar ainda na potência de reivindicação de vozes sequestradas histórica e socialmente pela imposição do pensamento colonialista e patriarcal.

Nesse sentido, é importante estabelecer a definição de termos como decolonialidade e colonialidade. Para Quijano (1992, p. 437), a colonialidade está implícita na relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os conquistados de todos os continentes, constituindo-se no período histórico derivado do movimento de expansão territorial europeia, o que derivou e autenticou o processo de dominação sobre os povos colonizados.

Assis (2014) aponta o colonialismo como elemento essencial para a consolidação do projeto cultural de expansão capitalista, além de forma predominante de controle de recursos, trabalho, capital e conhecimento, estabelecendo uma relação de poder articulada pelo mercado. Burke (1992) assevera que este foi um modelo histórico-cultural oriundo de uma cultura patriarcal e hegemônica, o que implicava na exclusão de vários grupos, como a mulher e o negro.

Em contraposição, assistimos hoje a inserção, nos debates sobre o tema, do conceito de decolonialidade como uma proposta de enfrentamento à colonialidade e ao pensamento moderno, principalmente através dos estudos de grupos liderados por estudiosos a exemplo de Aníbal Quijano (2005). Considerada como caminho de

resistência e desconstrução dos padrões, conceitos e perspectivas impostos a grupos subalternizados o pensamento decolonial converte-se também em crítica direta à modernidade e ao sistema capitalista, configurando-se em espaço para a visibilidade e a voz dos silenciados.

Adotando essa perspectiva pode-se entender a discussão decolonial como projeto de libertação social, política, cultural e econômica para grupos discriminados, assim como a movimentos sociais importantes: feministas, movimento negro, movimento ecológico, LGBTQia+, entre outros. No caso particular do movimento negro, é notório que o racismo, no Brasil, não terminou com o fim da escravidão, e que, devido à cor, os negros foram impedidos de ter melhores empregos, moradia, alimentação de qualidade e acesso à educação, o que ocasionou maior dificuldade do que os brancos para terem melhores condições de vida.

Na literatura, a discrepância de tratamento fica evidente na forma de representação desses grupos, quando se percebe como negros e brancos eram tratados, tanto no período escravista como depois dele. Obras emblemáticas da nossa literatura mostram a hierarquização do branco, a sexualização da mulher negra, além da evidência de uma literatura majoritariamente protagonizada pelo indivíduo branco. Isso permitiu a desvalorização do negro e de sua cultura em âmbito social, condicionando-o a um lugar subalternizado no estrato social. Em relação à escrita de autoria feminina, não são raras as mulheres que produziam ensaios e poesia; de certa forma era de conhecimento da sociedade, mas condicionadas à discrição e, muitas vezes, ao anonimato. As temáticas que eram retratadas são quase exclusivamente a independência do Brasil e o enaltecimento da Constituição.

E quando pensamos na escrita de autoria feminina negra, a situação é ainda mais restritiva. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar e comparar duas obras literárias escritas por mulheres negras de diferentes séculos: *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, publicado em 2003. A pesquisa buscou examinar como essas obras abordam questões relacionadas à identidade, raça, gênero e classe social, bem como explorar as semelhanças e diferenças nas perspectivas das autoras e nas representações das experiências das mulheres negras ao longo do tempo.

Ao fazer isso, buscou-se contribuir para uma compreensão mais ampla da literatura produzida por mulheres negras no Brasil, destacando sua contribuição para

a construção de uma narrativa mais inclusiva e representativa da identidade nacional. Optou-se por dividir o trabalho em três capítulos, com títulos e tópicos provisórios, a fim de dar consistência à pesquisa empreendida.

O primeiro capítulo, “Literatura negra de autoria feminina e os estudos decoloniais”, examina a interseção entre a literatura, especialmente o gênero romance, e as questões de raça na formação da identidade nacional. Ao investigar como determinadas narrativas literárias influenciaram e foram influenciadas pela percepção da identidade racial e étnica dentro da nação, este estudo tem com um foco específico a experiência brasileira. Para contemplar essa análise, o capítulo foi dividido nos seguintes tópicos: Nação, narração e arquivo; Estudos pós-coloniais e literatura; e Literatura brasileira negra de autoria feminina. O referencial teórico será pautado nos postulados de Aníbal Quijano (1997); Wendell Ficher Teixeira Assis (2014); María Lugones (2014); Octavio Ianni (1988); Peter Burke (1992), entre outros.

O segundo capítulo, “Ser mulher; ser negra; ser autora; ser autora negra”, contempla três tópicos: Ser mulher/ser negra/ser autora negra; A escrita revolucionária de Maria Firmina dos Reis; A potência da escrita de Conceição Evaristo. Essas reflexões serão conduzidas a partir dos(as) teóricos(as): Elódia Xavier (1991); Virgínia Woolf (2019); Zahidé Lupinacci Muzart (2013), entre outros.

O terceiro capítulo, “*Úrsula e Ponciá Vicêncio*: escritas da resistência”, fez uma abordagem acerca de como os romances *Úrsula* e *Ponciá Vicêncio* configuram-se em espaços representativos de temas como a mulher negra, a descolonização do imaginário, a partir do movimento de resistência das personagens em sua luta para afirmar sua identidade cultural e étnica, em diferentes séculos, sendo que uma autora participou literalmente da época escravista, e a outra é considerada detentora dos resquícios da escravidão e representante fiel da luta por igualdade racial. Esse percurso literário será demonstrado por meio do seguinte aporte teórico: Mônica Yumi Jinzenji (2011), Anatol Rosenfeld (2009), Hans Robert Jauss (1979), Tzvetan Todorov (2009), entre outros.

Este estudo objetivou contribuir para uma compreensão mais ampla da literatura produzida por mulheres negras no Brasil, destacando suas contribuições para uma narrativa mais inclusiva e representativa da identidade nacional, além de promover reflexões sobre a importância da resistência e da luta por igualdade racial na sociedade brasileira.

## 1 LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA E OS ESTUDOS DECOLONIAIS

Ponciá era uma criança feliz, que se identificava como menina e desfrutava de brincadeiras típicas da infância. No entanto, um dia enquanto brincava no milharal com suas bonecas de milho, avistou uma figura impressionante: uma grande mulher, cuja altura parecia alcançar os céus. Esta mulher tinha pernas longas e finas, e seu corpo parecia transparente e vazio. A reação da mãe de Ponciá ao ouvir a história foi notável. Ela imediatamente pediu ao pai que removesse todo o milharal.

(Conceição Evaristo *in Ponciá Vicêncio*).

Esse trecho, de *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, em sua terceira edição publicada em 2021, intiga-nos a pensar em um momento significativo na construção de uma identidade:

O primeiro universo social da criança é a família, sendo a “fonte original da identidade”, ou seja, “a matriz de socialização”. Nesse primeiro universo social, a criança já possui traços que a distingue dos demais elementos e integrantes da família, ligados à posição que ocupa (filho mais velho, caçula...), o papel que desempenha, as características físicas, suas relações com os demais e sua personalidade. A criança ainda participa de outros universos sociais, que promovem outras vivências, resultando num “repertório de valores, crenças e conhecimento”.<sup>1</sup>

A mãe de Ponciá e seu desejo de proteção em relação a essa descoberta ajuda-nos a refletir sobre as normas sociais e culturais da comunidade em que a família vivia. A história rica aborda temas como identidade, gênero, racismo e relações familiares, muitas vezes usando metáforas e imagens poderosas para transmitir esses temas. Conceição Evaristo (2003) fala sobre o enredo em uma palestra, trazendo as personagens já criadas por ela como sendo seus parentes, parte de sua família. De alguns ela gosta, de outros nem tanto. Ponciá, no primeiro momento, não foi a personagem que mais lhe agradou, mas depois, escutando suas histórias atentamente, sempre achava um motivo para gostar dela. O momento de criação da personagem foi doloroso, às vezes se confundia com a criatura.

Carneiro (2011) relata que discursos oriundos de intelectuais ou do senso comum, que reinam no Brasil, sobre o tema “miscigenação” evidenciam que, devido ao processo histórico do país, as pessoas nascidas aqui têm dificuldade ou são impossibilitadas de definir sua identidade racial. A identidade étnico-racial é construída ou destruída socialmente e o desejo do enbranquecimento foi plantado no contexto

---

<sup>1</sup> Informação disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes\\_eticoraciais.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf)

colonial, um momento histórico em que foram reforçadas ideias negativas acerca da negritude e o oposto em relação à branquitude. Esse foi o embate da própria Evaristo na construção de sua personagem título do romance, ou seja, aceitar, ela própria, a parte de si que ali estava representada.

Coadunando com esse pensamento, consideramos que não existe a possibilidade de olhar as relações de gênero hoje, ignorando a história brasileira. Diversos autores abordam questões de identidade étnica e racial na literatura brasileira, alguns a serem destacados, como: Joaquim Maria Machado de Assis, Graciliano Ramos, Mario de Andrade, Lima Barreto, Cruz e Sousa, Abdias do Nascimento, Milton Hatoum, Ana Maria Gonçalves. Todos eles oferecendo uma variedade de perspectivas sobre as questões étnico-raciais no Brasil, enriquecendo o panorama literário. Escritores renomados e mencionados aqui abordam questões étnico-raciais, embora suas obras não se concentrem exclusivamente em tais questões, oferecendo uma visão importante das complexidades das relações raciais no Brasil do século XIX, contribuindo, assim, para a discussão sobre identidade étnica e racial na literatura brasileira.

Palavras, em seu significado primário e imediato, nada significam senão as ideias na mente de quem as usa, por mais imperfeita e descuidadamente que estas ideias sejam apreendidas das coisas que elas supostamente representam. Quando um homem fala com o outro, o faz para que possa ser entendido; e o fim da fala implica que estes sons, como marcas, devem tornar conhecidas suas ideias ao ouvinte. Estas palavras então, são as marcas das ideias de quem fala [...] (Locke, 1999 [1690], p. 139-147).

Machado de Assis, escritor e intelectual, foi um autor capaz de expressar os aspectos mais variados da sociedade na qual vivia através da literatura, embora suas obras indiquem reflexões de forma indireta sobre as hierarquias sociais e as interações entre grupos diferentes na sociedade da época. No contexto machadiano, grandes transformações políticas, econômicas e sociais estavam em processo. A monarquia estava desgastada, a abolição, a cultura e as ideias europeias estavam em movimento. Temas como maldade, traição e ganância eram retratados nas personagens machadianas, a maioria membros da classe aristocrática do Rio de Janeiro, sociedade multifacetada e diversa, num contexto urbano em transformação.

Para Florentina Souza existe uma repetição da imagem do negro estereotipado, questões de sexualidade, qualidades psicológicas. A animalidade e o desregrado apetite sexual da mulher negra, a ciência e estética do século XIX colocavam como

“anomalias” dos corpos negros e negras. Na literatura brasileira, muitos escritores apostaram em representações separando o negro do branco e colocavam características tais como: lábios grossos, corpo escultural e afins. Inserem-se também nessas narrativas os costumes que são tidos como típicos das mulheres, como a pureza, cuidadora dos interesses dos pais, mãe abnegada na educação dos filhos, colocando-as sempre como espírito de subalternidade, símbolo de obediência da mulher ao homem. As mulheres negras, mais abaixo nesse patamar, são taxadas como prostitutas, irresponsáveis, mãe preta, sendo representadas na literatura dessa forma aceita pela sociedade. Qualquer destaque das mulheres negras era ignorado e apagado. Tudo era adaptado, mantendo as bases das tradições, se constituindo hoje num conjunto de marcas identitárias de afro-brasileiras.

Em texto escrito por Amanda Helena Martins de Oliveira para a Revista *Sociedade Cultura, Patrimônio* (2018), na Semana de História do Pontal - Encontro de Ensino de História, com o título “Maria Firmino dos Reis: uma história da escrita feminina e negra no século XIX”, inicialmente, tem-se a frase “a história é escrita pelos vencedores”, que traz em seu bojo uma ideia de que muitos historiadores e filósofos têm discutido: a percepção de que aqueles que triunfam em conflitos ou detêm o poder têm a capacidade de influenciar e moldar a narrativa histórica. Uma frase instigante e que entrelaçou todo o estudo realizado no trabalho.

Até o século XX, a escrita foi de domínio masculino. Mulheres sempre passaram por dificuldades devido a preconceitos de toda sorte, muitas vezes foram silenciadas. Mas, mesmo enfrentando barreiras, algumas conseguiram ultrapassar os obstáculos e publicaram documentos importantíssimos para toda a sociedade, um exemplo foi a primeira romancista abolicionista brasileira, Maria Firmina dos Reis.

Maria Firmina dos Reis era ativa na sociedade, num contexto histórico, preconceituoso e, mesmo refém de uma ideologia senhorial, criou em sua cidade natal uma escola para crianças pobres de ensino misto, além de ser a primeira romancista feminina abolicionista. Para a publicação de seu romance *Úrsula*, ela usou de seu pseudônimo: “Uma Maranhense”. O indivíduo é capaz de transformar a sociedade pertencente. Maria Firmina, com seu pensamento de igualdade, liberdade e fraternidade, contribuiu para novos estudos e lutas num momento à frente do que ela estava inserida.

## 1.1 Nação, Narração e Arquivo

Desde sempre, as sociedades empreendem esforços em busca de mudanças. A vida em si é formada por experiências vividas, vistas e contadas. Observando a Bíblia como uma obra literária multifacetada, uma compilação de textos, com diferentes estilos e gêneros abordados, visando transmitir ensinamentos morais, éticos, descrevendo conflitos, instruções, dando orientações, visões de um seguimento padronizado, percebe-se a busca por transformações, esse desejo constante na sociedade por liderança e justiça, esperança de melhoria de uma condição social e moral. A procura por inovações perpassa séculos. A vida no campo, pastorando ovelhas, produzindo seus próprios alimentos, eram hábitos comuns da Antiguidade; da Idade Média V-XV e ainda no início da Idade Moderna XVI e XVII. A agricultura era vista como um negócio, arrendamentos de terras, crise política entre a aristocracia e o rei, surgindo diferentes modos de vida e de produção.

Na segunda metade do século XVIII, com o início da Revolução Industrial, as transformações ficaram a todo vapor. Com o surgimento da indústria e do capitalismo, a sociedade passou por momentos de grande desenvolvimento tecnológico, a economia sofreu muitas alterações, e em meio a tantos movimentos como novas formas de trabalho, a expansão do imperialismo, o êxodo rural e a urbanização, aumento da produção e do consumo, o Romance começou a despontar. Durante o período da Revolução Industrial observou-se um significativo êxodo rural, com a migração massiva da população do campo para os centros urbanos em busca de oportunidades de emprego nas emergentes indústrias e fábricas. Esse fenômeno resultou em um aumento substancial da população urbana e conseqüente concentração demográfica nas cidades. Paralelamente, a industrialização promoveu avanços significativos na educação e alfabetização, particularmente entre as classes trabalhadoras urbanas, expandindo, assim, a base de leitores.

Claro que a alfabetização, nesse contexto, tem uma visão de mão de obra mais refinada, o incentivo para o estudo é para o bom manejar das máquinas e, conseqüentemente, as habilidades de leitura e escrita tornaram-se importantes para uma força de trabalho que compreendesse a evolução das máquinas e das tecnologias vindouras do período. Com o aumento da alfabetização, as ideias eram disseminadas com maior agilidade e as transformações e inovações eram vistas por

um público em grande escala. Para alcançar o progresso incentivado pelo capitalismo e seguir o exemplo dos Estados Unidos e da Europa rumo à modernização havia a necessidade de promover a civilização ou a educação da população.

A disseminação da alfabetização entre as classes urbanas emergentes não apenas ampliou o público leitor, mas também diversificou a demanda por formas acessíveis de literatura. Nesse contexto, os folhetins surgiram como uma modalidade popular de literatura serializada, frequentemente publicada em jornais e revistas. Essas obras cativavam o público com narrativas emocionantes, acessíveis e facilmente digeríveis, tornando-se uma forma de entretenimento amplamente consumida pelas massas urbanas. E o capitalismo em ascensão estava sendo cada vez mais inserido na sociedade.

A conseqüente urbanização e os avanços na alfabetização durante a Revolução Industrial contribuíram para o aumento da demanda por literatura entre as classes trabalhadoras urbanas, impulsionando a popularidade dos folhetins e diversificando o panorama literário acessível da época. Nesse mesmo contexto histórico, a literatura brasileira passou por um período de intensa transformação, a temática do movimento literário buscava a valorização da identidade nacional voltada para o regionalismo, o indianismo, Machado de Assis e José de Alencar, autores importantes do período que retratavam os movimentos com representação da sociedade brasileira de uma forma mais crítica e verossímil.

No contexto educacional do século XX para o século XXI, muitas mudanças aconteceram, Com o surgimento cada vez mais frenético, a tecnologia se adentrou da sala de aula e ganhou um público cada vez mais importante para aliar-se a essas mudanças, o público jovem, fazendo com que os profissionais da área necessitassem de organizar e se adequar a tais avanços. Aqueles que não se adaptaram com esses avanços, não conseguem o bom desempenho da turma ministrada. Escuta-se muito no ambiente escolar que se perderam os leitores para os celulares. Os estudantes não frequentam bibliotecas, mas perdem-se aqueles que não conseguem explorar e atrair o público para as vantagens que as tecnologias nos proporcionaram. “A Sociologia do conhecimento mais uma vez confirma que a literatura de consumo não é determinável sem referência à função estética e social da literatura ‘elevada’” (Jauss, 1979, p. 74).

Na atualidade, os meios digitais e eletrônicos garantem o imediatismo que a sociedade necessita, transmitindo informações por todo o mundo, em questão de segundos. Mesmo com a facilidade das mídias e da tecnologia, os livros físicos e as obras de arte não perdem o seu lugar, e até o momento, não existe a fala da morte da obra impressa. No ensaio, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1936), Walter Benjamin menciona o avanço da tecnologia, exemplificando que o surgimento da “fotografia”, segundo ele, permitiu ao artista reproduzir a imagem de forma imediata, libertando as mãos da responsabilidade artística e transferindo-a para os olhos.

Da mesma forma, o livro e a leitura, retirando-se o receptor da obra, a tinta e o papel, e colocando o ouvido como receptor da voz, no caso referindo-se ao rádio, trouxe na época grande avanço tecnológico. Com toda a reprodutibilidade, a busca pela valorização do tempo, e o imediatismo, a obra de arte aproximou-se do humano. Os que não têm acesso ao museu, podem ver a obra de arte pela internet, por meio de imagens do Google; os que não têm acesso à leitura do livro impresso, leem por meio digital ou assistem filme relacionados à obra literária. Isso torna, assim, “a perda da aura” como Benjamin menciona, a perda da autenticidade, da unicidade. Por mais que elabore e trabalhe para que não perca sua essência, no momento da reprodução e da adaptação traços foram deixados pelo caminho, impossibilitando, segundo o filósofo, a veracidade da obra.

Benjamin definiu a experiência estética a partir do conceito da aura, concedendo à arte tecnizada a significação revolucionária de, no futuro, transformar as massas no próprio sujeito de uma práxis estética politizada (Jauss, 1979, p. 78).

As vivências são únicas, as experiências também, mas com a leitura, a recepção dos textos, em diferentes épocas, trazem uma visão selecionada e aguçada do período vivenciado. Mundos estranhos se encontram por meio de uma ponte singular. A flexibilidade interpretativa, a evolução por meio dos avanços das pesquisas cada dia mais ativas e presentes no meio literário permitem chegar nas intenções e nos devaneios que as leituras realizam.

A hermenêutica literária tem por tarefa interpretar a relação de tensão entre texto e atualidade como um processo, no qual o diálogo entre autor, leitor e novo autor refaz a distância temporal no vai-e-vem de pergunta e resposta, entre resposta original, pergunta atual e nova solução, concretizando--se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico (Jauss, 1979, p. 79).

## 1.2 Estudos Decoloniais e Literatura

Em termos gerais, o conceito de pensamento decolonial se constitui a partir da consideração de verdade que existe no projeto de dominação colonial nas fronteiras externas dos impérios (Américas, sudeste da Ásia, norte da África), assim como reconhece a dominação colonial em suas margens internas, por exemplo, negro e chicanos nos Estados Unidos, paquistaneses e indianos na Inglaterra, negros e indígenas no Brasil. Na década de 1960, os aspectos do colonialismo interno assentava-se na questões raciais que estabeleciam a distinção de privilégios e de oportunidades entre negros e brancos, indígenas e brancos, por exemplo, no caso brasileiro. Esse cenário excludente tem suas raízes firmadas em aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, ao longo do tempo. Aqui, interessa-nos como essas questões oriundas do processo colonial impactou algumas classes sociais em particular.

Entre nós, especificamente, o século XIX centra-se em acontecimentos históricos significativos: chegada da Coroa; a abertura dos portos; processo de abolição da escravatura, iniciando em 1850 com a lei Eusébio de Queirós, 581/1850, que proibia a entrada de escravos africanos no Brasil, o que só foi feito após vários países assinaram. Muito embora isso não tenha impedido que o tráfico de escravos continuasse a ser praticado dentro do país.

Em 1871, com a lei do Ventre Livre, ficou estabelecido que fosse deixado livre todo bebê que nascesse a partir da promulgação. Fato contraditório e ineficaz: uma vez que os bebês não conseguiriam viver sozinhos e seus pais estariam vinculados à escravidão, a sociedade também não aceitava incluí-los no meio, como viveriam sozinhos? Em tudo isso, percebe-se uma impossibilidade da eficiência da lei em questão.

Em 1885, a lei do Sexagenário libertava todos os escravos maiores de 60 anos de idade, mas uma pessoa que viveu a vida toda como escravo, como iria viver depois dos sessenta anos? Sem renda, sem moradia, sem ter outro meio de sobrevivência, não existia possibilidade para eles. Por fim, a Lei Áurea, em 1888, libertou todos os escravos, mas sentindo a pressão da monarquia, a pressão dos escravos pela insubordinação, sendo libertos, mas não tendo vantagens com essa liberdade, sem moradia, sem mantimentos ou qualificação.

Com o início de pensamentos e atitudes findando à escravidão, continuou com a cultura e pertencimento do sentimento de inferioridade do povo negro, por parte dos brancos, pois como mostra depoimentos de escravos “dão mostra de que os africanos que foram trazidos para cá, não pertenciam as sociedades desorganizadas, ilustradas, e eram capazes do ponto de vista intelectual (Morais, 2007, p. 496).

Conceição Evaristo, em sua obra “Ponciá Vicêncio” publicada em 2003, trabalha muito essa visão da necessidade da mulher negra, da valorização do sexo em questão. O narrador diz que a personagem principal, Ponciá Vicêncio, durante toda sua infância, tinha medo. Essa fraqueza era oriunda de sua crença, das histórias que o povo contava. Da necessidade do ser que está fraco de ter um Orixá, de ter um ser sobrenatural para proteger e auxiliar no período difícil em que está passando alguma dificuldade, mesmo sem saber, sem ter o conhecimento necessário, já estava inserido na mente das crianças para, assim, darem continuidade em suas crenças e não deixar as tradições culturais extinguirem. Bem no início da obra, a mostra claramente a permanência desse costume na vida de icêncio, o angorô.

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda (Evaristo, 2003, p. 13).

Quando criança, não queria ser homem. Vê-se nas leituras que não compreendia o peso que o sexo que carregava continha. Enquanto mulher, adulta, já entristecia e já tinha questionamentos demonstrando essa tristeza de ser mulher. “Olhou firmemente o arco-íris pensando que, se virasse homem, que mal teria?” (Evaristo, 2003, p. 14). Ponciá pouco via o pai, pois ele trabalhava nas terras dos brancos. Guardava a imagem, as marcas de seu avô, primeiro homem conhecido por ela, mesmo não o vendo fisicamente.

Olhando para o passado, podemos entender a realidade da vivência feminina. Todos os direitos que foram conquistados são frutos de um longo processo de lutas. As mulheres viveram muitos séculos submetidas ao controle, ao silêncio, longe de espaços públicos, sem o tratamento correto que mereciam. A subordinação e a exclusão eram visíveis, mas com o surgimento de leis e regimentos, iniciou-se a conquista da igualdade de direitos, permitindo, assim, no campo da literatura, uma

maior representatividade do gênero. O espaço ocupado pelas mulheres tem crescido cada vez mais, principalmente pelo fato de que:

quando uma mulher articula um discurso este traz a marca de suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes. Uma mesma realidade pode suscitar várias verbalizações, reveladoras de experiências peculiares (Xavier, 1991, p. 13).

Quando se percebe a importância da significação, o mundo começa a fazer sentido: o discurso é uma materialização das lutas sociais; o fato de estar vivo significa que existe um ser pensante e esse ser procura, em todos os momentos, dar sentido ao mundo, dar sentido às suas diversas necessidades. E quando percebe que esse sentido, essa significação, tem um crescimento contínuo, o pensamento é alicerçado em produtos concretos que são capazes de transformar, que é o que se entende por negociar. A língua, por ser um sistema de valores coletivos e que resiste às modificações individuais, permite que exista a distinção a esse acordo. Observando o texto, a língua, a fala, de dentro para fora, entra-se no conceito de semiótica que vai além da interpretação da palavra.

Na epopeia, a sociedade está predefinida, os eventos, os personagens, as divindades, os desafios que vão ser contados, já estão predeterminados, pelo destino. Já o romance é mais flexível, explorando o cotidiano, as relações humanas, os contextos existentes naquele período. A epopéia representa um mundo estático e o romance a versatilidade. A epopéia dá forma a uma totalidade de vida fechada a partir de si mesma, o romance busca descobrir e construir, pela forma, a totalidade oculta da vida (Lukács, 2000, p. 60).

Nos diferentes contextos em que o gênero romance se desenvolveu, mais intensamente na Idade Média e na Idade Moderna, foi possível explorar questões cotidianas da sociedade, abordando os temas significativos do momento, sendo flexível, detalhando com maior perfeição os personagens, os conflitos, trazendo nos folhetins opiniões contrárias aos movimentos, promovendo reflexões, emocionando, entretendo. Definir o gênero romance é desafiador, talvez impossível. A percepção do que constitui o romance possui uma variedade de formas, estilos e temas. A diversidade dificulta a definição única, não sendo adequada para abranger todas as formas do gênero.

O acesso às experiências históricas por meio das obras escritas nos séculos anteriores, resgatadas nos dias atuais, permite-nos avançar como sujeitos. Olhando para o período em que foi escrito, as dificuldades enfrentadas permitem compreender

o que de fato afetou e conseqüentemente transformou as práticas na sociedade em questão. Obviamente, permite compreender as raízes dos costumes e ações da humanidade, as posturas políticas, a visão de mundo. Pensamentos e atitudes coloniais são vistos e entendidos propriamente pelas leituras e resgates de momentos históricos, trazidos pelos estudiosos e pensadores que necessitavam deixar arquivados, passando adiante.

É importante garantir que a experiência, o conhecimento e a riqueza humana seja preservada e compartilhada para séculos adiante, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade mais engajada, conhecedora de suas raízes e que seja cada dia mais conectada à sua cultura e capaz de lutar de forma consciente para um futuro melhor.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (Todorov, 2009, p. 76).

A literatura permite conhecer o novo, produzir estratégias para o aprendizado expressar os pensamentos que estão arraigados lá no profundo. As experiências obtidas pelas leituras fazem com que criemos novos significados, novas estratégias, rompendo, assim, os paradigmas que outrora eram taxados e exigidos para tornar uma sociedade ideal. Claro, entendido aqui uma leitura de significados, aquela leitura que transforma, que modifica. Aquele que lê e compreende o que está à sua frente, tem uma habilidade feroz e esta perpassa horizontes a passos largos e novos caminhos são construídos:

Ao dar forma a um objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo (Todorov, 2009, p. 78).

No processo da leitura, o leitor observa a escrita e começa a analisar os fatos. Com a observação, procura conhecer os acontecimentos do período, entrar dentro da obra para, assim, ter a experiência estética. Com isso, o leitor torna-se capaz de desvendar a interpretação da obra literária. O desenvolvimento da leitura, da capacidade de decodificar os códigos, de ler, sem a necessidade do outro, faz com

que a busca por mais conhecimento enriqueça o objetivo inicial, causando um sentimento de estranheza, chegando, assim, ao novo.

O envolvimento com o texto faz com que o leitor relacione suas perspectivas, interagindo, levantando questionamentos, respondendo tais questionamentos, num processo intermitente, sendo, nesse caso, um leitor ativo, que participa de todos os processos da leitura. Mas também, esse mesmo leitor pode devanear na recepção e apenas ser um receptor passivo, onde aceita a intenção do escritor, não foge da interpretação central, aquela intencional, que muitas das vezes é uma forma objetiva de chegar à interpretação mais casual.

A dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. De um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos (Jauss, 1979, p. 69-70).

Ativamente, a literatura, em diferentes contextos culturais e históricos, fica aberta para uma reinterpretação e uma busca de significações na contemporaneidade. Passivamente, apenas interpreta da forma mais singular, não menos importante, mas sem dar brechas para uma melhor desenvoltura do contexto, sendo fidedigno ao teor inicial.

### 1.3 Literatura Brasileira Negra de Autoria Feminina

Nossa escolha em trazer à tona reflexões sobre literatura afro-brasileira exige determinar e contextualizar não somente os posicionamentos dos vários teóricos sobre o tema, como também fazer conhecer o uso das várias terminologias adotadas sobre esse tipo particular de literatura. Optamos por adotar a terminologia “literatura afrobrasileira” em nossa pesquisa na intenção de conectá-la ao texto literário e à cultura brasileira, a fim de dar-lhe um caráter identitário mais genuíno.

No entanto, entendemos que para muitos dos adeptos desse tipo de literatura chama a atenção a visibilidade e o entendimento que o termo proporciona ao texto literário sob essa designação, como sendo oriundo de autores/as com descendência negra.

Fonseca (2011) esclarece que a literatura feita por autores brancos não exige adjetivos em razão de sua consolidada presença no cânone literário, ao passo que

não se vê o reconhecimento da importante presença de tantos autores/as negros/negras no cenário literário.

De fato, segundo Nascimento (2011), em razão desse “apagamento” no cenário literário, as obras de autores e autoras negros necessitariam dessa caracterização/classificação como uma forma de reparação histórica.

Em relação a essa nomenclatura designativa, observamos que alguns estudiosos usam tanto “Literatura Afro-brasileira” quanto “Literatura Negra”. Luiz Silva Cuti (2011), por exemplo, atesta que o termo Literatura Negra está mais em conformidade com o contexto histórico-social dos processos que geram o racismo estrutural no Brasil, e que o emprego do prefixo “afro” evidencia uma marca do “politicamente correto” que em nada ajuda na luta por uma forma de reparação social. Para o autor, a expressão “Literatura Afro-brasileira” minimiza, em certa medida, as questões raciais que essa literatura aborda:

Afro-brasileiro é um termo apaziguado de conflitos, lembra conceito forjado em gabinete. [...] No Brasil, a ideologia da democracia racial prefere palavras mais amenas, que não tragam uma conotação conflituosa. Daí que, por detrás dessa similitude semântica, encontra-se uma guerra pela palavra, – guerra sem testemunhas, em que Osman Lins alertava estar sempre empenhado o escritor. Veja, um afro-brasileiro não necessita ser necessariamente negro. Ele pode ser mestiço ou branco, o que em certa medida é o mesmo. A polarização criativa perde seu impulso, a crítica ao racismo também. A renúncia à branquitude perde o sentido (Cuti, 2011, p. 60).

Cuti (2011) encaminha reflexões sociológicas das expressões utilizadas na discussão sobre o uso dessa terminologia para as temáticas pontuadas nos textos produzidos por autoras e autores negros.

Com a mesma entonação para essa discussão, Zilá Bernd (2003) opta por “Literatura Afro-brasileira” por considerar um recurso mais adequado, pois conseguiria conectar a literatura do Brasil à cultura brasileira, dando-lhe um caráter identitário e crítico.

Por muito tempo, presenciou-se a constituição de um imaginário coletivo e social negativo sobre o negro, não se tratando de mera representação social. Não que a literatura tenha qualquer intenção de militância, mas quando traz temáticas que pretendem ser elemento integrador de um movimento efetivo para a anulação do caráter segregador, que evidencia uma posição de subalternidade, converte-se em importante mecanismo de questionamento e crítica social.

Nos anos 1970, no Brasil, começaram a surgir discussões sobre como poderíamos denominar uma literatura marcada por um eu enunciador que se coloca negro e assume sua identificação com a origem africana. É nesse momento específico que a terminologia “Literatura Negra” passou a ganhar visibilidade. Contudo, somente no século XXI consolidou-se a estabilização do uso das nomenclaturas “afro-brasileiro” e “afrodescendente”.

Pensar em uma literatura “afro-brasileira” leva-nos a entender a situação imposta aos negros durante muito tempo, e que foi apresentada pelo cânone literário brasileiro por meio de autores que ousavam denunciar as péssimas condições escravistas no século XIX. O limitado espaço concedido ao negro dentro da sociedade brasileira da época aliado à imposição de cânone literário eurocêntrico, porém, não conseguiu conter a produção desses autores e autoras que persistiram, mesmo diante das parcas condições de divulgação e incentivo. Aqui vale ressaltar que, por cânone, entende-se:

um conjunto de textos que passou pelo teste do tempo e que foi institucionalizado pela educação e pela crítica como clássicos, dentro de uma tradição, vem a ser o pólo irradiador dos paradigmas do quê e do como se escreve, do quê e do como se lê. Tradicionalmente, a sua constituição está pautada no processo de reprodução do mesmo, pois a força homogeneizadora que atua sobre a seleção reafirma as identidades e afinidades e exclui, portanto, as diferenças, posto que essas são incompatíveis com um todo que se quer uniforme e coerente em termos de padrões estéticos de excelência, argumento geralmente invocado na ratificação do estatuto canônico de uma obra (Schmidt, 1996, p. 116).

É interessante notar que o caminho percorrido pela escrita de autoria negra no Brasil foi marcado por algumas características, como a preferência por uma forma de narrativa descritiva, a partir dos detalhes sobre a realidade vivida cotidianamente, aspectos da religiosidade, hábitos culinários, manifestações culturais (dança, música, artesanato etc.) e as crenças. No entanto, a partir do século XIX, começaram a surgir os primeiros manifestos que, declaradamente, denunciavam e combatiam a escravidão e que eram divulgados, a princípio, em jornais.

É fato que desde o início da escravidão, em 1531, a figura do negro compõe o cenário das personagens da literatura brasileira, particularmente no século XIX, período em que nem sempre a preocupação com fidedignidade à realidade vivida era representada.

Zilá Bernd (1992, p. 48) vai chamar a atenção para a seguinte indagação: “que fator será o determinante da fissura para se falar em literatura negra e não apenas em

temática da escravidão?”. E, mais adiante, responde: “esse demarcador de fronteiras é o surgimento de um sujeito de enunciação no discurso poético, revelador de um processo de conscientização de ser negro entre brancos”.

Bernd (1992, p. 36), em “Enraizamento e Errância: duas faces da questão identitária”, pontua que o texto literário “pode ser um poderoso agente ou pelo menos um excelente coadjuvante quando se trata de construção, expressão e solidificação de diferentes coletividades ou de grupo etnoculturais”. Nesse sentido, esses escritores empreenderiam um “processo de construção e expressão de identidades”, que se evidenciam no rol dos questionamentos por meio do jogo estético de “desmontagem de linguagens e de discursos”, o que, em certa medida, conduziria a uma tomada de posição em relação às estruturas sociais que segregam sujeitos negros.

Fanon (2008) afirma que entre negros que têm uma posição social considerada importante dentro de um dado contexto social, a evidência do reflexo provocado por atitudes de discriminação, muitas vezes, está camuflado, porque o próprio negro tem dificuldade em se identificar e se conectar com sua ancestralidade. Dessa forma, não sente os impactos da segregação que, eventualmente, lhe é imposta. Esse movimento de “negação”, contudo, não é garantia de que a discriminação não exista para pessoas de sua classe social.

O movimento de narrar a história de uma nação proporciona determinar sua identidade de uma forma mais efetiva e contundente. Segundo Bernd (2003, p. 17), “a construção da identidade é indissociável da narrativa e conseqüentemente da literatura”, pois isso permite entender que o discurso da Literatura Negra coaduna-se com o discurso da identidade, que busca a desconstrução e a reconstrução identitária.

Em relação a essa literatura denominada “negro-brasileira”, tem-se que:

nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, simultaneamente, brasileira, pois a palavra negro aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra ‘negra’ (Cuti, 2010, p. 44-45, grifos do autor).

O pensamento de Conceição Evaristo sobre essa literatura em particular corrobora para a colocação de Cuti (2011 *apud* Fonseca, 2011, p. 114):

Considero como elementos constitutivos de um discurso literário afrobrasileiro: a afirmação de um pertencimento étnico; a busca e a valorização de uma ancestralidade africana, que pode ser revelada na própria linguagem do texto, na estética do texto; a intenção de construir um contradiscurso literário a uma literatura que estereotipiza o negro; a cobrança da reescrita da História brasileira no que tange à saga dos africanos e seus descendentes no Brasil; a enfática denúncia contra o racismo e as injustiças sociais que pesam sobre o negro na sociedade brasileira. E agora apresento um elemento vital na constituição de uma literatura afro-brasileira – a autoria [...].

Atualmente, a Literatura Afro-brasileira define-se pelo agrupamento de textos de escritores e escritoras afrodescendentes imbuídos de uma postura engajada sobre a construção de uma poética negra, que se volta para o período colonial a fim de encontrar os referentes que autentiquem as bases dessa identidade cultural.

Spivak (2010), teórica indiana, em *Pode o subalterno falar?*, defende a ideia de que a mulher negra está enredada em uma dinâmica de dupla subalternidade, pois advém das “camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (Spivak, 2010, p. 12).

A compreensão dessa definição corrobora com a ideia de que todo sujeito desfalcado de representação na sociedade pode ser considerado “subalterno”. Assim, se sua fala é negada ou anulada, a mulher subalterna estaria situada em um posicionamento de fronteira, em razão, obviamente, pelas questões de gênero, pois “se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (Spivak, 2010, p. 82).

O processo de implementação do capitalismo foi gradual, percorrendo séculos. Em diferentes fases e processos as transformações econômicas e sociais foram inseridas na literatura. Algo que chama a atenção é que para contribuir com a ascensão do capitalismo, as mulheres passaram a ser vistas e mencionadas de forma mais clara nas obras de folhetins, visto isso claramente na obra “Senhora”, publicado por José de Alencar, em 1874. A mulher seria a alma do capitalismo, um sistema econômico que enxergou na mulher uma mão de obra barata e uma consumidora por excelência. Além da mulher, começou a trazer a noite como um período que existia luz e que o feminino estava presente nesse cenário. A mudança de classe social e a inserção de poderio e dominação são exemplos clássicos que mostram uma

necessidade e uma busca para inserção do gênero pouco trabalhado e repleto de ramificações, favorecendo o avanço da sociedade e do espaço vivido até então.

É só de modo parcial que a necessidade estética é manipulável, pois a produção e a reprodução da arte, mesmo sob as condições da sociedade industrial, não conseguem determinar a recepção: a recepção da arte não é apenas um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente da aprovação e da recusa, e, por isso, em grande parte não sujeita ao planejamento mercadológico (Jauss, 1979, p. 80).

O leitor, sendo visto como uma tábula rasa, uma mente desprovida, um papel em branco, não pode, em momento algum, contribuir com a obra e, assim, não permite a manutenção do texto. O leitor é aquele que está em outra época ou no mesmo período da obra, mas que vai e volta em suas leituras, com suas experiências de mundo, construindo o momento, o sentido da obra que não é único, nem estático, permitindo, assim, que transborde os elementos essenciais da leitura, fazendo com que a obra permaneça existindo. Encontra-se no feminino um ser que não é estático, é capaz de transformar o ambiente com suas experiências. Se o homem precisa ir para a guerra e quem permanece são as mulheres, precisa trazê-las para o mercado, para o trabalho, para que a economia continue crescendo e não estremeça até que os detentores do poder, até então, cheguem e tomem conta da economia do país.

As mulheres enfrentam questionamentos constantemente, tiram a prova se conseguem, se são capazes e muitas das vezes são jogadas para escanteio. Ainda, em pleno século XXI, existem pensamentos enraizados, conhecimentos não trabalhados. Esperava-se das mulheres uma vida dedicada à família, tudo relacionado ao mundo doméstico. Até então eram vistas como incapazes de fazer qualquer outra atividade que não fosse relacionada à família ou à casa. Todas as publicações que faziam eram assinadas por pseudônimos. Obras que podíamos ler e julgar como sendo excelentes naquele período, mesmo sendo escritas pelas mãos femininas, eram assinadas pelos maridos, por nomes masculinos aleatórios. Para que a mulher conseguisse sobreviver de sua escrita não era possível naquele momento. Além de preconceitos, muitas restrições existiam, ocasionando a exclusão das obras, então a busca da identidade por diferentes papéis sociais é incessante.

[...] quando uma mulher articula um discurso este traz a marca de suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes. Uma mesma realidade pode suscitar várias verbalizações, reveladoras de experiências peculiares (Xavier, 1991, p. 13).

Utiliza-se da ambiguidade, daquele sentimento de dúvida. Para que se consiga falar sobre um determinado assunto, todos que estudam e conhecem conseguem falar, mas nada melhor do que quem vive, quem participa daquele momento para expor sua narrativa. Quando se vive algo ruim, é possível sonhar, personificar momentos bons. Na escrita, é possível se chegar ao intangível. Olhando para o passado podemos entender a realidade da vivência feminina. Todos os direitos que foram conquistados são fruto de um longo processo de lutas.

As mulheres viveram muitos séculos submetidas ao controle, ao silêncio, longe de espaços públicos, sem o tratamento correto que mereciam. A subordinação e a exclusão eram visíveis, mas com o surgimento de leis, regimentos, iniciou-se a conquista da igualdade de direitos, permitindo, assim, no campo da literatura, uma maior representatividade do gênero. O espaço ocupado pelas mulheres tem crescido cada vez mais, principalmente pelo fato de que, quando se percebe a importância da significação, o mundo começa a fazer sentido, o discurso é uma materialização das lutas sociais. O fato de estar vivo significa que existe um ser pensante e esse ser procura em todos os momentos dar sentido ao mundo, dar sentido às suas diversas necessidades. E quando percebe que esse sentido, essa significação, tem um crescimento contínuo, o pensamento é alicerçado em produtos concretos que são capazes de transformar, que é o que se entende por negociar. A língua por ser um sistema de valores coletivos e que resiste às modificações individuais, permitindo que exista a distinção e esse acordo. Observando o texto, a língua e a fala, de dentro para fora, entra-se no conceito de semiótica que vai além da interpretação da palavra.

Palavras, em seu significado primário e imediato, nada significam senão as ideias na mente de quem as usa, por mais imperfeita e descuidadamente que estas ideias sejam apreendidas das coisas que elas supostamente representam. Quando um homem fala com o outro, o faz para que possa ser entendido; e o fim da fala implica que estes sons, como marcas, devem tornar conhecidas suas ideias ao ouvinte. Estas palavras então, são as marcas das ideias de quem fala [...] (Locke, 1999 [1690], p. 139-147).

A mulher calada, apenas observadora, analisando o caráter de quem a cercava, fazendo suas obrigações, muitas vidas era observada naquele espaço. Mesmo diante da falta de apoio, de interesse pela cultura feminina, por terem jornada de trabalho às vezes triplas, ainda assim a mulher consegue ser racional e emocional ao mesmo tempo. A escrita feminina entra com o sentimento, não age pelo impulso, ela enxerga

o outro lado das coisas. Busca estar presente, dar racionalidade e não procura coisas que a represente. Mesmo com restrições e dificuldades as mulheres conseguiram escrever, externar seus sentimentos, buscando uma forma de transparecer o que está na sua intimidade, em seu segredo. Por muito tempo foi obrigada a se retrair, a se recolher, nada de externar o que é íntimo. Para o campo literário é importante uma exposição de vários objetos, de várias buscas incessantes, uma intimidade preservada ao longo dos séculos. A produção dos textos representa propostas de significação, para que se tenha capacidade de lidar com o mundo e de entrelaçar os conhecimentos com os interesses e habilidades da experiência em sociedade.

O desejo de defender uma causa pessoal ou de fazer de uma personagem a porta-voz de uma insatisfação ou um ressentimento pessoal tem sempre um efeito de distração, como se no ponto para o qual a atenção do leitor é dirigida houvesse bruscamente dois alvos, em vez de um só (Woolf, 2019, p. 13).

A escrita feminina difere da escrita masculina na relação de proximidade com a experiência do leitor. Como observa-se, as vivências do gênero feminino são transparente na escrita e demonstram que as mulheres passaram por grandes desafios e obstáculos. O discurso é uma materialização das lutas sociais. As mulheres permaneceram à sombra dos homens por muito tempo, algumas ainda permanecem. Toda a trajetória percorrida por elas para conseguirem o seu espaço, sua valorização, que ainda não foi completa, permitiu que essas experiências únicas, coisas que o homem jamais vivenciou, transpareça em seus escritos, mesmo que intencionalmente. O homem pode escrever, relatar fatos do sexo oposto perfeitamente, mas nunca será igual ao relato: a escrita feminina sobre o sexo feminino tem outro impacto.

Existiu uma transformação, era algo intacto, silenciado. As mulheres que eram tidas como corajosas eram aquelas que conseguiam passar por todos os preconceitos, por todos os obstáculos e faziam o que era “proibido”. Existia a amargura, um momento de busca constante por direitos e os textos demonstram esse sentimento. A pesquisadora americana Elaine Showalter (1986) fez uma divisão da classificação das obras de autoria feminina em três fases: a primeira, a fase feminina, compreende obras publicadas entre 1840 e 1880; a fase feminista entre 1880 a 1920; e a fase fêmea que já apresenta um amadurecimento temático pela assimilação dos valores de liberdade e constituição identitárias, que perdura até os dias de hoje. Vê-se então, que o período de amargura perdurou por muito tempo nas literaturas e foi

diminuindo aos poucos com o passar do tempo e as realizações e conquistas advindas para o gênero.

A partir dos movimentos feministas, as reivindicações por espaço e igualdade de direitos passaram a ser mais vistos entre a sociedade, o que era silenciado, inquestionável, passou a ser revisto. Com a abertura do espaço para novos discursos, a mudança no pensamento crítico permitiu que a escrita feminina tenha um amadurecimento nessa nova fase. Enxerga-se elementos com autonomia, na representação não deixa de existir uma contestação, um chamativo para uma reflexão, mas, como dito anteriormente de uma forma madura.

A grande mudança que se alastrou pela escrita das mulheres, ao que parece, foi uma mudança de atitude. A mulher escritora deixou de ser amarga. Deixou de se indignar. Quando ela escreve, não está mais protestando e defendendo uma causa (Woolf, 2019, p. 14).

Consideradas como o sexo frágil, eram entregues a elas apenas o trabalho voltado à natureza do lar. Ainda que com papéis pré-determinados, como o trabalho da casa, a educação dos filhos e o cuidado com a alimentação da prole, conseguem se sobressair em áreas antes apenas designadas aos homens.

Na manipulação da palavra escrita, ao adotarem uma postura revolucionária, as escritoras quebram as barreiras impostas pelo sistema patriarcal, enfrentam e questionam preconceitos determinadas a lutar contra os mecanismos de opressão, de discriminação e subordinação em todos os níveis. Tendo audácia de construir coletivamente novas formas de inclusão e novos meios de alçar a voz, recolocam a importância da mulher, da liberdade e igualdade e questionam hierarquias sociais e culturais que ameaçam o valor do ser humano, permitindo que ainda aconteçam as desigualdades sociais, culturais e históricas.

## 2 SER MULHER, SER NEGRA, SER AUTORA, SER AUTORA NEGRA

A escravidão é um tema sensível e marcado na história do Brasil. Existia resistência por parte dos negros nesse período. Homens e mulheres lutavam contra esse regime, queimavam lavouras, quebravam ferramentas, criavam os quilombos. No geral, esse é um tema complexo, e mais ainda a escravidão das mulheres negras, que engloba misoginia, discriminação racial, xenofobia, disparidade, dentre vários outros aspectos.

A escrita da mulher negra pode ser compreendida como uma reconfiguração do sistema de signos, conforme descrito por Saussure, que via a língua como um meio de expressar ideias por meio de símbolos. Historicamente, a língua dominante no Brasil serviu como instrumento de dominação, reforçando estereótipos e silenciando vozes negras, especialmente de mulheres.

Nesse contexto, a produção literária de autoras como Conceição Evaristo, que ressignifica esses signos, cria novas formas de representação que dão voz a experiências historicamente marginalizadas. Essa reapropriação da linguagem rompe com as narrativas tradicionais, oferecendo uma visão crítica sobre a estrutura social que sustentou o racismo e o patriarcado.

A escrita dessas mulheres vai além de um ato individual; é uma prática social e política que desafia o sistema de signos da cultura dominante. Ao produzir textos que expressam suas vivências e dores, as autoras negras utilizam a linguagem como uma ferramenta de resistência e afirmação de identidade. A escrevivência, conceito de Conceição Evaristo, exemplifica isso: é uma escrita que carrega consigo não apenas histórias pessoais, mas as experiências coletivas de um povo, resgatando símbolos culturais e resignificando-os. Elas não apenas narram suas histórias, mas também subvertem significados impostos historicamente, abrindo espaço para novas leituras da realidade social.

Por meio dessa ressignificação, a escrita da mulher negra transforma símbolos de opressão em emblemas de resistência. O que antes servia para marginalizar e desumanizar, agora é utilizado para reconstruir a imagem e a identidade dessas mulheres. A literatura produzida por elas, portanto, rompe com os signos tradicionais que sustentaram uma visão racista e colonialista da sociedade, criando novos significados e inaugurando narrativas que revelam a força e a resiliência de suas

trajetórias. Essa produção literária não só desafia as estruturas de poder como também reescreve a história a partir da perspectiva de quem sempre foi silenciada. “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e, por isso, é confrontável com a escrita, o alfabeto dos surdos-mudos, os ritos simbólicos, as fórmulas de cortesia, os sinais militares, etc.” (Saussure, 1916).

Entende-se que linguagem, segundo Saussure (1916), é de suma importância para a comunicação e a construção do pensamento humano, possuindo um sistema de signos que se organiza e permite dar sentido à nossa volta. Como uma manifestação social, a língua estabelece uma rede de convenções que permite aos indivíduos se comunicarem de maneira eficaz e compreenderem o mundo de forma compartilhada. Essa capacidade de significar através de signos, por meio de palavras e símbolos, não é um reflexo da realidade em si, mas uma construção coletiva de uma comunidade linguística. Sem essa estrutura comum, a comunicação e a compreensão seriam caóticas e impossíveis de serem reatadas.

Além disso, a linguagem exerce o papel de formação de pensamento, já que é através dela que os conceitos e ideias ganham forma e são expressos. Saussure (1916) diz que não existe uma conexão intrínseca entre a palavra e o que ela representa; essa relação é construída socialmente. A linguagem tem o poder de moldar o que percebe-se e interpreta-se no mundo, e não só expressa o pensamento, como também o influencia, tendo uma base cultural que assume um papel central na organização das relações humanas e no funcionamento das culturas, definindo identidades, normas e valores dentro de uma comunidade.

A linguagem não é apenas um reflexo passivo do pensamento, mas também um meio ativo de construção social e cultural, determinando como os seres humanos se posicionam.

O que é que vocês esperavam quando tiraram a mordida que fechava essas bocas negras? Que elas entoassem hinos de louvação? Que as cabeças que nossos pais curvaram até o chão pela força, quando se erguessem, revelassem adoração nos olhos? (Sartre, 1948, *apud* Fanon, 2008, p. 43).

As respostas, levando ao contexto da opressão e censura que os colonizadores fizeram para com os povos africanos e afrodescendentes, nada mais seriam do que uma espécie de resgate da voz usurpada indo atrás do sonho de liberdade e valorização. Não existe gratidão pela libertação, pois foi algo que não deveria ter acontecido e percorrido séculos, é preciso lutar para absorver algo que não precisa

pedir licença ou aceitação. Quem viveu sabe da dor e da dificuldade passada, pelo desprezo, violência e falta de liberdade.

Em “Pele negra, máscaras brancas”, Fanon (2008) discute como a colonização não se dá apenas no campo econômico ou territorial, mas também no psicológico, impondo uma hierarquia de valores onde o colonizado é levado a se ver como inferior. Fanon (2008) fala do desejo do colonizado de “branquear-se”, que seria uma forma de internalizar o racismo e a hierarquia imposta pelo colonizador, acreditando que a assimilação dos valores da metrópole é a chave para sua aceitação e reconhecimento social.

Sendo mulher já carregada da desvalorização, vista apenas como cuidadora do lar, agora, ser mulher, ser negra e ser autora negra, no século XXI, é de suma importância, pois nos remete ao amadurecimento de uma causa que perpassa séculos. A escrita é um instrumento de força, é a porta voz de um povo que foi menosprezado, uma cultura que foi camuflada. E aos poucos sendo reconhecida, ganha espaço nessa realidade que ainda é ameaçada, mas que não mais será silenciada. Obras que permitem que os personagens assumam sua identidade, não demarcando seu corpo, explorando todo o ser humano do sexo feminino, como um sujeito que possui identidade, detentor de uma nacionalidade, regionalidade, gênero, raça, cor, enfim, que tem voz, que existe e que é vista na sociedade.

## 2.1 A Escrita Revolucionária de Maria Firmina dos Reis

Maria Firmina dos Reis, nascida no dia 11 de outubro de 1825, descendente de família humilde, escravizados, em 1830 tinha cinco anos de idade e foi morar com sua tia materna, em Guimarães, onde viveu até seu falecimento. Estudos demonstram que foi a partir desse momento que Maria Firmina dos Reis conseguiu estudar e ter contato com a literatura, devido às melhores condições de sua tia. Era prima de Sotero dos Reis, que era escritor e gramático e a influenciou e a apoiou em seu desenvolvimento.

Foi uma defensora ativa dos direitos das mulheres e da igualdade racial, utilizando sua escrita como uma ferramenta para promover mudanças sociais em um período marcado pelo preconceito e pela escravidão no Brasil. Atitude revolucionária para o contexto em que estava inserida, ciente dos conteúdos que eram ensinados, a separação de ensinamentos por gênero quis transformar a educação, levando o

conhecimento igualitário a todos. Um contexto preconceituoso, refém de uma ideologia senhorial. Sabemos que o grupo minoritário, mulheres, negros e pessoas das comunidades LGBTQI+, permanecem em desvantagem na sociedade, sendo desvalorizados por seus cônjuges, por seus empregadores, por parentes e por todos da sociedade. Na literatura percebe-se que negros e brancos eram tratados no período escravista e depois desse período também. Obras renomadas mostram essa hierarquização do branco e a sexualização da mulher negra; a literatura era majoritariamente branca, permitindo, assim, a desvalorização do negro e de sua cultura.

Assim, ao analisarmos o legado de figuras como Maria Firmina dos Reis e sua luta pela igualdade e justiça social no século XIX, é fundamental reconhecermos que o racismo, a igualdade de gênero e a luta das mulheres por seus direitos e reconhecimento no Brasil ainda está longe de ser superado e que é necessário um engajamento contínuo e coletivo na busca por uma sociedade verdadeiramente inclusiva e igualitária.

Como Maria Firmina, temos Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em Belo Horizonte, em 1946. Sempre ativa nos movimentos de valorização da cultura negra no Brasil. Na literatura, estreou em 1990, quando publicou contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduiu-se em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora na Capital Fluminense. Foi mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, em 1996, e doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, em 2011.

Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo são duas importantes escritoras brasileiras que, embora de épocas diferentes, compartilham a temática da luta contra a opressão e a marginalização em suas obras. Ambas escritoras usam suas narrativas para dar voz aos marginalizados e questionar as estruturas opressivas da sociedade brasileira. Enquanto Maria Firmina dos Reis abriu caminho na literatura do século XIX, Conceição Evaristo continua essa luta no século XXI, mostrando a relevância e a continuidade da literatura afro-brasileira. Juntas, elas representam um legado de resistência e criatividade fundamental para a compreensão da história e da cultura do Brasil.

Em 1860, Maria Firmina colaborou em *A Imprensa* com uma poesia usando as iniciais M.F.R, no ano seguinte, em 1861, colaborava no *Publicador Maranhense*; colabora assiduamente no jornal literário *A VERDADEIRA MARMOTA*; na antologia poética *PARNASI MARANHENSE*, em *O Jardim*

das Maranhenses-Jornal Literário- do qual também é assídua colaboradora (Morais, 1975, p. 01).

No século XIX, a mulher, independente da cor da pele, ainda está condicionada à voz masculina, semelhante à mulher do século XIX. As que faziam parte da elite tinham mais acesso à instrução. Claro que tudo sendo visto pelo homem, sendo às aulas ministradas em suas residências. As aulas, como dança, leitura, escrita, piano, eram voltadas para o portar da mulher, um ser educado, delicado e não para instrução, de uma análise crítica da sociedade. Na literatura, um dos objetivos da mulher da época era instruir-se e se posicionar diante da sociedade. Estando apropriadas da linguagem, já conseguiam alcançar alguns objetivos, mas precisavam alcançar mais pessoas para que suas indignações fossem vistas e abraçadas por mais mulheres. Então, iniciou-se a luta pela escrita.

A ficção era, e ainda é, coisa mais fácil de uma mulher escrever. E a razão para isso não é difícil de encontrar. O romance é a forma de arte menos concentrada. É mais fácil interromper ou retomar um romance do que um poema ou uma peça (Woolf, 2019, p. 12).

Dentro das possibilidades da época, Maria Firmina dos Reis, no século XIX, escreveu sobre as amarguras do povo negro, dando-lhes sentimentos, memória e alma, até então não observados naquele Brasil oitocentista. O discurso sobre a mulher negra, tanto em espaços públicos quanto privados, muda conforme o contexto histórico e social. Falar sobre a mulher negra, seja nos meios de comunicação, na literatura ou nas políticas públicas, pode criar diferentes percepções e moldar a maneira como a sociedade as enxerga. Assim, a escrita sobre a mulher negra também assume diferentes formas, adaptando-se às lutas e resistências que ela enfrenta, trazendo à tona experiências variadas de opressão, racismo e também de empoderamento e superação.

Ao longo do tempo, as mulheres têm lutado contra a marginalização, o racismo e o sexismo, muitas vezes enfrentando estruturas de poder que parecem inabaláveis. Mesmo cientes das dificuldades e da resistência que encontram, continuam a buscar a equidade, justiça e reconhecimento. Esse impulso, essa insistência em lutar, mesmo quando o ideal parece distante, reflete a força e a resiliência das mulheres negras, que transformam as suas tentativas em formas de resistência e conquista, dando continuidade às lutas, geração após geração.

O fato é que os discursos podem funcionar diferentemente e, por isso, podem produzir, de acordo com seu funcionamento, diferentes efeitos e, portanto, diferentes modalidades de escrita. [...] o fato de sabermos que o impossível não é atingível não nos impede de tentar (Woolf, 2019, p. 61).

Apesar de saberem que a mudança total pode parecer inatingível em muitos momentos, essas mulheres continuam a lutar e a criar espaços de resistência e expressão. Essas lutas e escritas são modos de transformar a realidade, de desafiar a estrutura que as oprime e de construir novos caminhos. Portanto, o discurso sobre a mulher negra e a sua luta é sempre um processo contínuo, em que cada esforço conta na busca por um futuro mais justo e inclusivo. Para Conceição Evaristo (2003), a nossa escrevivência não pode ser lida como história para “ninar os da casa-grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. Poderosa afirmação sobre o papel da literatura negra e da escrita de mulheres negras no Brasil.

As escritas das mulheres marginalizadas não são meras histórias, personagens, eventos e cenários imaginários ou inventados, não são escritas para apenas entreterem os leitores, são temas traçados para provocar uma reflexão, abordando temas que foram silenciados ou contados de forma diferente, para apaziguar ou apenas para entreterem os que leem. É necessário a escrita para expor as dores, resistências e a luta contra o racismo e o patriarcado, desestabilizando as estruturas injustas e dando voz a narrativas que foram marginalizadas.

A escrita da mulher negra é a possibilidade de transformação da literatura num espaço de resistência e protagonismo, ressignificando suas histórias e criando uma literatura que denuncia a opressão, valoriza a identidade e exige reparação histórica. A ficção é usada para que se tenha um personagem ativo, dando voz aos elementos de suas próprias vivências e da comunidade que presenciou tais traumas. A luta por reparação e por escuta da voz, cada vez mais, está difundida no século XXI. Temos exemplos de obras que resgataram a herança e deram voz aos que um dia foram silenciados.

*Cadernos Negros* é uma coleção de antologias literárias no Brasil, que foi lançada em 1978 e continua a ser publicada anualmente. Organizada pelo coletivo Quilombhoje Literatura, a série é dedicada a promover a literatura afro-brasileira, oferecendo espaço para poetas e escritores negros. Cada edição reúne contos, poesias e outras obras que refletem a diversidade da experiência negra no Brasil, abordando temas como identidade, resistência, cultura e questões sociais. A coleção

tem um papel importante na valorização da literatura negra, permitindo que escritores negros sejam ouvidos e reconhecidos em um cenário literário que, muitas vezes, marginaliza suas vozes. É um movimento reconhecido como uma obra de referência na literatura afro-brasileira e tem contribuído para o aumento da visibilidade e da valorização dos autores negros no Brasil.

De 1978 a 2023 foram publicados quarenta e quatro volumes, sendo contos e poemas, permitindo a visibilidade de autores afrodescendentes, literatura negra e produção literária das periferias. Na primeira publicação, eram oito participantes, sendo seis homens e duas mulheres; no segundo lançamento, no ano posterior, nove homens e três mulheres. Com maior visibilidade e contribuições que chegavam de todo o canto do país, na publicação de *Cadernos Negros* lançada em fins de 2017, foram quarenta e dois autores e metade constituída por mulheres. Dentre elas encontra-se Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo, permitindo alçar a voz da escrita negra.

Violência, preconceito, exclusão, oportunidades de emprego, educação e condições de vida ainda são aspectos vividos por parte dos negros, a dificuldade para ser visto numa empresa privativa, uma violência que é traçada de forma sutil. Muitas das vítimas internalizam tais maltratos, permitindo essa exclusão, aceitando a exigência da sociedade e reparando diferenças para serem aceitas.

A escrita da mulher negra, como a de Conceição Evaristo, ressignifica o sistema de signos que historicamente foi utilizado para oprimir e silenciar suas vozes. Inspirada no conceito de escrevivência, essa escrita transforma experiências pessoais e coletivas em atos de resistência, rompendo com a narrativa tradicional que invisibilizou a trajetória das mulheres negras. Esse movimento, porém, tem raízes profundas na história literária brasileira. Um exemplo importante é o de Maria Firmina dos Reis que, em pleno século XIX, já desafiava os signos opressivos da época. Em seu romance *Úrsula* (1859), Firmina, considerada a primeira romancista negra do Brasil, trouxe à tona a voz dos escravizados, humanizando personagens negros e criticando o sistema escravocrata, algo raro em sua época. Sua escrita subvertia o sistema de signos literários dominantes, que frequentemente representavam negros de forma estereotipada e subalterna.

Assim como Maria Firmina, Evaristo e outras escritoras negras contemporâneas utilizam a linguagem para questionar e ressignificar símbolos

culturais que antes marginalizavam suas identidades. Firmina dos Reis, por exemplo, ao colocar uma mulher negra como autora de um romance abolicionista, não apenas inovou na forma, mas reconfigurou o espaço da mulher negra na literatura e na sociedade. Essa herança de ressignificação continua com autoras modernas, que utilizam a escrita para construir novas narrativas, trazendo à luz a complexidade das experiências das mulheres negras e sua luta constante contra um sistema que, por muito tempo, tentou apagá-las.

Na revista “Sociedade Cultura, Patrimônio”, na semana de história, do Pontal - Encontro de Ensino de História, foi publicado o trabalho com o título “Maria Firmino dos Reis: uma história da escrita feminina e negra no século XIX”, por Amanda Helena Martins de Oliveira. Inicialmente, tem-se a frase “a história é escrita pelos vencedores”, de Eric Arthur Blair, uma frase instigante e que entrelaçou todo o estudo realizado no trabalho. Até o século XX a escrita foi de domínio masculino. Mulheres sempre passaram por dificuldades devido aos preconceitos, e muitas vezes foram silenciadas.

Mas mesmo enfrentando barreiras, algumas mulheres conseguiram ultrapassar os obstáculos e publicaram documentos importantíssimos para toda a sociedade. Um exemplo foi a primeira romancista abolicionista brasileira, Maria Firmina dos Reis, ativa na sociedade, num contexto histórico, preconceituoso e refém de uma ideologia senhorial, criou, em sua cidade natal, uma escola para crianças pobres de ensino misto, além de ser a primeira romancista feminina abolicionista. Para a publicação do livro “Úrsula”, ela usou de seu pseudônimo “Uma Maranhense”. O indivíduo é capaz de transformar a sociedade pertencente. E Maria Firmina, com seu pensamento de igualdade, liberdade e fraternidade, contribuiu para novos estudos e lutas num momento à frente do que ela estava inserida.

Nesse sentido, essa literatura faz ressoar a voz do negro que escreve um discurso capaz de refletir sua história, incluindo aqui a descendência que lhe couber, bem como os martírios, dores, dificuldades, experiências. Portanto, é uma literatura real, que ultrapassa limites, busca se impor e denunciar as práticas sociais excludentes pela lente de quem as vive. A obra de Firmina encaixa-se nas características de uma produção afro-brasileira nos requisitos apresentados. Schmidt (1996) afirma que “recuperar as obras de escritoras do passado [...] nos permite, além de ampliar e redimensionar a história literária brasileira, mudar nossa concepção dessa mesma história”.

Maranhense, Maria Firmina dos Reis (1825-1917), brasileira, mulher negra, presente no século XIX, não era mulher de posses, autodidata, prosadora, poeta, compositora, professora e fundadora da primeira escola gratuita e mista do Brasil, no povoado de Maçaricó, na cidade de Guimarães, no Maranhão. Publicou diversas obras além de *Úrsula* (1859). Entre 1861 e 1865 publicou o conto *Gupeva*, com temática indígena; em 1887 publicou o conto “A escrava”. Deixou um álbum, que foi publicado por Nascimento Filho, em 1975. O “Álbum” é composto por pequenos textos, falando da dor da partida, seja pela morte, pela mudança de cidade. Textos que expressam a tristeza da separação, diário íntimo, anotações da alma, falas de sua infância e solidão, educação segregada. Maria Firmina era ativa na sociedade num contexto histórico preconceituoso e refém de uma ideologia senhorial. Foi capaz de transformar e aguçar pensamentos de igualdade, liberdade e fraternidade.

O século XIX, pertencente da escritora, foi marcado por diversos acontecimentos, chegada da Coroa, a abertura dos Portos, processo de abolição da escravatura, início de pensamentos e atitudes findando a escravidão, mas com pensamentos ainda aflorados de cultura e sentimentos de inferioridade do povo negro, por parte dos brancos. No auge das mudanças, o livro “*Úrsula*” foi publicado em 1859, com um enredo vistoso. Nas publicações da época, negro não tinha destaque, negro e branco eram separados por características do corpo, aparência física, mulheres tinham seu lugar reservado, “típico das mulheres”, símbolo da obediência da mulher para com o homem “seu senhor”.

Ao publicar o livro, pede desculpas pela insolência de tornar-se escritora, não era costume mulheres saírem do habitual, e nem tampouco aceito. O lamento introdutório de Firmina era um reconhecimento de como a obra seria recebida pela sociedade. Sendo um romance de formação, o discurso parece romper com a visão tradicional dos romances da época; ela dá voz ao negro, dá importância às personagens negras escravas, coloca o branco como amigo do escravo, a negra como conselheira do branco. Os personagens, marginalizados, têm capítulo, voz própria, participam literalmente do enredo. Maria Firmina abordou questões como a busca pela liberdade, a crítica à escravidão e a resistência cultural, sendo uma figura importante na denúncia das injustiças sociais.

A autora menciona a natureza em vários momentos de suas obras. Esses símbolos ganham vida, é como um espelho ou um veículo para mostrar melhor as

emoções, as culturas e a sociedade que ela representa, enriquecendo e oferecendo uma visão mais profunda de suas obras. E altivas, erguem-se milhares de carnaubeiras, que balançadas pelo soprar do vento recurvam seus leques em brandas ondulações (Reis, 2018, p. 50). As carnaubeiras são árvores majestosas, fortes, que dominam o cenário ao redor. Quando o vento sopra, traz um ar de suavidade, brandas ondulações, movimento tranquilo e rítmico. Essa descrição é uma cena de serenidade e harmonia na natureza, o vento interagindo com a árvore de maneira delicada, mostrando a beleza que é a união, a paz, a aceitação do diferente no universo, mostrando aí que nada é igual e nada é superior, tudo vive em conformidade com o natural, permitindo haver a troca de experiências, não para diminuir e sim para agregar e somar na beleza única.

Eu amo a solidão; porque a voz do senhor aí impera; porque aí despe-se-nos o coração do orgulho da sociedade, que o embota, que o apodrece, e livre dessa vergonhosa cadeia, volve a Deus e o busca - e o encontra; porque com o dom da ubiquidade Ele aí está! (Oliveira; Araújo, 2018, p. 51).

Nesse trecho, percebe-se que somente existe um ser superior, a conexão com a solidão, sendo uma pureza, permitindo olhar para dentro de si, refletir sobre seus próprios pensamentos, experiências, sentimentos, uma autoanálise, buscando entender melhor suas emoções e motivações. E tudo isso é apreciado porque a voz de Deus prevalece sem as distrações e influências negativas da sociedade.

A autora caminhou a passos lentos até receber o merecido reconhecimento de sua obra *Úrsula*. Foi apenas em 1975 que começou a fazer parte da história literária brasileira. No mesmo ano foi comemorado o sesquicentenário da escritora na capital do Maranhão. Em Guimarães foi lançado, nesse mesmo período, a segunda edição da obra *Úrsula*, sendo tudo custeado pelo próprio governo maranhense. Os trabalhos acadêmicos relacionados à escritora foram surgindo após a redescoberta de Nascimento Morais Filho. Essas produções destacam o pioneirismo na literatura afro-brasileira e feminina.

Observa-se que o movimento feminista é dividido em três ondas principais, cada uma com característica distinta, sendo elas: primeira onda, século XVIII ao início do XX, focou-se na igualdade de direitos políticos e trabalhistas, com ênfase no sufrágio feminino, direito ao voto, melhores condições de trabalho e acesso à educação para as mulheres. Figuras representantes desse período foram Mary Wollstonecraft e as sufragistas, que lutaram para que as mulheres fossem vistas como

cidadãs de pleno direito; a segunda onda começou por volta de 1960 a 1980, focou na luta para incluir questões sociais, culturais e econômicas, com ênfase em protestos e publicações públicas. Nesse período, foram abordadas questões de descriminalização do aborto e acesso aos métodos contraceptivos, tendo, assim, controle sobre seu próprio corpo e decisão para ter ou não filhos.

Ter uma maior liberdade sexual, igualdade no mercado de trabalho, combate à violência, conscientizar e pressionar por leis mais rigorosas, criação de abrigos para as mulheres em vulnerabilidade, entram aqui teorias femininas para embasar todo o processo. Simone de Beauvoir é um exemplo clássico desse período. Já a terceira onda, que iniciou-se nos anos de 1990 até o presente momento, começou a analisar as múltiplas opressões que a mulher pode sofrer, raça, classe, orientação sexual. Então, foram implementadas nas reivindicações vozes que até então eram marginalizadas dentro do próprio feminismo: mulheres negras, LGBTQIA+, indígenas, asiáticas, latino-americanas e pobres. Buscou-se o empoderamento e autonomia, lutando para que as mulheres se apropriassem da sua identidade e se libertassem das imposições que a sociedade impunha; vestimentas não são responsáveis pelo assédio; devem se expressar da forma que quiser sem julgamentos. E, com a era digital, surgiu o ativismo digital, com movimentos organizados pelas redes sociais, levando a conscientização mais longe e abraçando cada dia mais pessoas em prol do movimento.

Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... A sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar! (Oliveira; Araújo, 2018, p. 122).

A visão íntima da dor sendo refletida nas falas de Preta Susana, mesmo com tanto sofrimento, com tanta violência, continuou com sua dignidade inabalável. Percebe-se que todo esse processo foi trabalhado e retratado na obra de Maria Firmina dos Reis. Ela já buscava uma paralisação da opressão. Com uma abordagem empática e realista expõe o sofrimento imposto pela escravidão, denuncia as brutalidades do sistema escravista, inclui as mulheres no centro das suas narrativas, permitindo aprofundar psicologicamente, mostrando o papel da amizade, da solidariedade entre as mulheres, propõe uma visão de resistência e resiliência feminina. Ela tem um olhar que valoriza o protagonismo feminino, questionando a submissão delas e retirando a ideia de que a dependência emocional e financeira deve

estar atrelada aos homens. Mesmo estando inserida nas regras e normas do século XIX, busca afirmar a identidade, expressando sentimentos e convicções do espaço e desenvolvimento da mulher na sociedade.

A escravidão e a condição de ser escrava negou qualquer identidade ou laço afetivo. Firmina os torna visíveis com as reflexões dos traumas sofridos pela personagem. A literatura, na época, limitava os papéis dos personagens, e ela enfrenta essa limitação, que desumaniza as mulheres negras. Susana não é apenas uma escrava, ela é mulher que tem um passado, uma família, um desejo de liberdade que contraria a ideia de escravidão. Quando expressa seus pensamentos e sentimentos na narrativa, permite que o leitor tenha uma visão mais complexa da experiência feminina, especialmente para aqueles que ainda são marginalizados.

Amo a noite, o silêncio, a harmonia do mar, amo a hora do meio-dia, o crepúsculo mágico da tarde, a brisa aromatizada da manhã [...] amo o afeto de uma mãe querida, as amigas [...] e amo a Deus; e ainda assim não sou feliz, porque insondável me segue, me acompanha, esse querer indefinível... (Telles, 1997, p. 345).

O romance *Úrsula* narra uma história de amor entre a jovem Úrsula e Tancredo, bacharel em direito, e todo o romance se entrelaça com a narrativa da vida dos escravos. Comendador P., tio materno de Úrsula, tem sentimentos amorosos pela própria irmã, o que faz com que ele as mantenha cativas e sem posses para que não se apartem dele. Esse sentimento de amor e posse é estendido à Úrsula, o que ocasiona conflitos no decorrer da narrativa. O comendador é poderoso, senhor de terras e escravos, um homem mal, que pensa apenas em seu bem-estar e interesses. Com um enredo melancólico, de amor romântico, de destruição, de luta, assemelha-se aos demais, mas ao mesmo tempo distingue-se quando traz um tratamento diferente aos escravos, às mulheres, aos desumanizados.

Na sociedade patriarcal, onde as mulheres são subjulgadas e limitadas aos papéis domésticos, homens exercem o controle sobre suas vidas, mas na narrativa existem personagens femininas que lutam contra essa opressão e, mesmo com dificuldades, afirmam sua identidade. Mães que vivem só com seus filhos na época era mal visto. Independente da raça, isso não era retratado de forma bem vista. A mãe da personagem Úrsula não faz parte da violência escrava, mas faz parte da violência por ser mulher. Luíza B. é doente e cria sua filha sozinha, lutando com todas as forças para não abandoná-la.

Sou mãe, senhor! Vede minha pobre filha! É um anjo de doçura e bondade, e abandoná-la, e deixá-la só sobre este mundo, que ela mal conhece, é a maior dor de quantas dores hei provado na vida. Sim, é a maior dor – continuou ela com amargo acento - proque então perderá o único apoio que ainda lhe resta! (Oliveira; Araújo, 2018, p. 111).

A autora retrata personagens e os individualiza, permitindo expressarem suas angústias, opinarem em alguma parte do enredo, dá liberdade para que os personagens criem laços com personagens distintos de sua classe. Túlio, escravo, torna-se amigo de Tancredo, o bacharel em direito e personagem principal da obra. O título do capítulo que demonstra esse enlace é “Duas almas generosas”. Nesse capítulo, percebe-se que a vida do personagem Tancredo é modificada e iniciativas são impostas, não pelo Senhor “branco”, mas sim pelo “escravo”, pelo “negro”. Ele tem o papel importante na narrativa. Dando os cuidados ao mancebo que estava enfermo, acidentado, decide cuidar para que restabeleça sua vida e, assim, siga adiante.

Independente do que causaram a ele pela escravidão, ele não deixou endurecer o coração e continuou a busca por união e melhorias quem sabe num futuro próximo. “Banhou-lhe a fronte com água fresca, depois de ter com piedosa bondade, colocado-lhe a cabeça sobre seus joelhos” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 55). Cada ato realizado por Túlio é demonstrado pela autora e tratado de forma espantosa, trazendo espanto pela mudança de um ser que antes não era visto e não era tratado como um ser passível de decisão ou de cuidados. “Só Deus testemunhava aquela cena tocante e admirável, tão cheia de unção e caridoso desvelo!”. Com personalidade própria, Túlio torna-se amigo do Bacharel em Direito, alguém importante na sociedade e amigo de alguém que, naquele momento, para a sociedade, não tinha identidade. Túlio é consciente de seu passado, de sua condição e, mesmo assim, tem código de ética e exerce-a com afincamento e segurança.

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista (Oliveira; Araújo, 2018, p. 54-55).

Devido à escravidão não era fácil ou comum que pessoas negras fossem vistas ou representadas como personagens importantes na narrativa. Durante séculos, o negro foi objetificado e desumanizado, na arte e na cultura. As raízes impostas pela

violência impactaram a forma de representar, e pelo racismo profundamente visto na sociedade, permitiu posições de subserviência, impedindo que fossem vistas representações dos marginalizados como “objetos estéticos”.

Quebrou-se enfim a cadeia  
Da nefanda Escravidão!  
Aqueles que antes oprimias,  
Hoje terás como irmão! (Oliveira; Araújo, 1888).

Algo exótico, despersonalizado, atribuindo-lhe traços de beleza e papéis secundários eram as representações vistas na época escravocrata. Reforçando cada vez mais, representações dos corpos das mulheres, estereotipando e excluindo representações positivas dos negros e, em especial, das mulheres. Pessoas como Maria Firmina dos Reis, que vivenciou o período de terror, surgiram para subverter as narrativas e valorizar a estética negra, promovendo o destaque da beleza, da cultura e da identidade da população silenciada. Em 1870 tornou-se comum comentários de mulheres na imprensa. Algumas discursavam em praça pública, movimentos, clubes femininos abolicionistas estavam surgindo e Maria Firmina certamente conhecia tais movimentos.

## 2.2 Conceição Evaristo: a potência de uma escrita

Rompendo com o que era habitual na literatura brasileira, ressignificando e valorizando a cultura de todo o povo, Conceição Evaristo chama atenção especial ultrapassando as barreiras que limitavam a produção e recepção de obras afro-brasileiras de autoria feminina. Maria Conceição Evaristo de Brito, nascida em Belo Horizonte (MG) em 29 de novembro de 1946. Em 1973 mudou-se para o Rio de Janeiro. Fez graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado em Literatura Brasileira, na PUC Rio, e doutorado em Literatura Comparada, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Em 1958, ao terminar o primário, segundo Conceição Evaristo, ela ganhou seu primeiro prêmio de literatura, pois venceu o concurso de redação da escola. O título de seu texto premiado foi *Por que me orgulho de ser brasileira*. Aos 17 anos, aderiu ao movimento da Juventude Operária Católica (JOC), que promovia reflexões sobre a realidade brasileira. Após terminar o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, em 1971, ela decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro. A

partir daí, as reflexões sobre questões étnicas passaram a ser mais constantes na vida da escritora.

Evaristo é romancista, contista e poeta, além de pesquisadora na área de literatura comparada, tendo sido professora na rede pública fluminense. De origem humilde, a segunda de nove filhos, conciliava os estudos com o trabalho doméstico, sempre incentivada pela mãe a estudar e buscar melhores condições de vida. Trabalhou como empregada doméstica para custear seus estudos. Sua escrita, conceituada por ela mesma como *escrevivência*, que une escrita e vivência, refletia as experiências reais das comunidades negras.

Seus primeiros contos e poemas foram publicados na série *Cadernos negros* e seu primeiro e mais famoso romance, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado em 2003. Daí pra frente recebeu reconhecimento como escritora, tanto que, em 2016, ganhou o "Prêmio Faz Diferença", na categoria prosa, do jornal *O Globo*; em 2018, o Prêmio de "Literatura do Governo de Minas Gerais", pelo conjunto de sua obra; em 2019, o "Prêmio Jabuti", na categoria "Personalidade Literária do Ano".

Evaristo desponta como uma escritora contemporânea de Belo Horizonte, reconhecida por destacar a memória e a identidade afro-brasileira em suas obras. Livros como *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Olhos d'Água* (2014), que abordam temas como a desigualdade social, o racismo e a resistência cultural, especialmente do ponto de vista das mulheres negras; *Becos da memória* (2006), expõe a vida da comunidade negra em um bairro pobre, os temas que são explorados na obra são exclusão social e resistência cultural; *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), coletânea de contos que aborda o sofrimento e a resistência das mulheres negras.

Seus trabalhos têm sido reconhecidos nacionalmente e internacionalmente. Recebeu diversos prêmios, além de ser ativa academicamente e politicamente, participante de debates e eventos com temáticas raciais e de gênero. A escritora abriu espaço para a voz dos silenciados, dos marginalizados na sociedade, permitindo que novas gerações concretizem o sonho de ser livre, sabendo que são mulheres e negras. A autora possui uma trajetória notável, com participação em diversas antologias, além de ter suas obras traduzidas para o inglês e analisadas em estudos acadêmicos internacionais.

Reconhecida como uma das maiores personalidades da literatura contemporânea feminina brasileira, traz como temáticas de suas obras a realidade do

cotidiano das mulheres negras, a rede de reflexos do preconceito que enfrentam nos âmbitos social, cultural e político de forma efetivamente cruel.

A literatura negro-brasileira, a exemplo do que faz Evaristo, converte-se, indiretamente, em um instrumento de concretização para o não colonialismo, ou o que se convencionou denominar de “decolonialidade”, a partir da perspectiva das ações das mulheres que se autorrepresentam e se autoficcionalizam.

Dona de uma escrita potente e pungente, Evaristo desempenha na contemporaneidade papel fundamental para a representatividade da literatura negro-brasileira, quando usa de sua voz para reverenciar aspectos de sua ancestralidade e falar sobre a condição feminina a partir da construção de suas personagens femininas, como no conto *Olhos d'água*, no qual a história, o tempo e a ancestralidade estão entrelaçados.

É evidente que esse protagonismo que Evaristo dá aos negros não é inédito, uma vez que na literatura brasileira nos deparamos como inúmeros exemplos, como Aluísio Azevedo, em *O Cortiço*, Luís Gama, Carolina Maria de Jesus e a própria Maria Firmina dos Reis, autora também contemplada no presente trabalho.

Residindo em Maricá, Rio de Janeiro, Evaristo viu-se paralisada pela solidão e o medo impostos pela pandemia, o que a fizeram buscar a companhia da família em Contagem, Minas Gerais.

Entrei em uma paranóia e tristeza muito grande. Nos quatro primeiros meses não consegui fazer nada, abrir um livro, escrever uma linha”, conta. “Aos 73 anos, sentia que estava lacrando e de repente vi que sou idosa, estou no grupo de risco e o quanto somos vulneráveis. Essa pandemia me pegou por dentro, sabe?” Conceição felizmente chegou à conclusão de que a maneira de enfrentar esses fantasmas era voltar a trabalhar.<sup>2</sup>

Para a autora, toda leitura de uma obra de autoria feminina negra precisa começar a partir também de suas qualidades literárias e artísticas, e não apenas de sua designação. Isso é reconhecer o valor estético presente na obra.

Antes de lerem nossos textos já fazem um pré-julgamento, ou dizem que a autoria negra é uma autoria de militância. Mas é preciso conhecer os textos. Peço muito para as pessoas que não leiam apenas minha biografia, porque

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida ao site Itaú Social. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Publicada em: 9 nov. 2020.

ela é importante sim, porque ela contamina meu texto, mas por favor leiam meu texto.<sup>3</sup>

É notadamente reconhecido o valor estético de seu trabalho e sua significativa contribuição cultural. A escrita de Evaristo oferece um retrato categórico da discriminação racial, desigualdades de classe e gênero, além de refletir suas experiências de vida que se assemelham à realidade de grande parte da população brasileira. E ainda mais especificamente, a realidade da mulher intelectual negra no Brasil.

O passado humilde, o envolvimento com as letras desde pequenina e inserida num contexto que não existe escravidão, mas ainda existem raízes e resquícios da violência, Evaristo destacou-se intelectualmente e coloca como base para sua escrita, exemplificando a resistência, criando estratégias dinâmicas para dar sentido e continuar lutando para estender as vozes de mulheres negras, sem rasura ou contextos pré-concebidos.

Afirmo que a Escrivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. [...] O nosso espelho é de Oxum e de Iemanjá. [...] Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. (Evaristo, 2020, p. 38-39).

Ancestralidade africana, religiosidade, contextos sociais, mulher negra, vozes silenciadas são abordagens que Conceição Evaristo insere nas narrativas que compõe, reafirmando o comprometimento que a autora tem em reescrever histórias das mulheres negras por meio de seus personagens. Diferenças e desigualdades.

É a esperança de dias melhores com visibilidade da violência e atos praticados, registrados e vividos nos séculos passados, transformando a literatura contemporânea em memórias coletivas, mostrando que elementos da cultura negra apresentam vozes e precisam ser conhecidos por todos. Ela traz muito em sua escrita a religiosidade afro-brasileira, a maternidade, exibindo a pluralidade de vozes femininas negras. Fizeram o embranquecimento de diversos escritores do século XIX para que não fossem esquecidos. Podemos citar o caso de Machado de Assis, que foi embranquecido para que seus textos fossem vistos e estendidos para todos, mas

---

<sup>3</sup> Depoimento ao site Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos>, em 20 nov 2028.

situações como estas não são aceitas no século XXI, e o mesmo Machado de Assis foi alvo de reivindicações de grupos negros organizados, pedindo a restituição da cor da pele dele.

Cruz e Sousa também foi visto como o negro que queria ser branco, processos que buscavam apagar a cor da pele dos escritores renomados para que pudessem estar no cânone. Processos como este não foram feitos com Maria Firmina dos Reis, nem Conceição Evaristo. Reis não passou pelo processo, mas ficou esquecida por séculos, Evaristo é vista, comentada e tida como importante recentemente. Recebeu o prêmio de Personalidade Literária do ano, em 2019, do Jabuti.

A literatura nacional, atualmente, tem pessoas comprometidas a valorizar a cultura e a ancestralidade, permitindo conhecimento diversificado em diferentes contextos sociais, distanciando os privilégios que outrora eram tidos como ideais aos brancos e homens, e não às mulheres brancas e negras, percebendo, assim, que todos que estão dispostos a unir forças e construir uma sociedade justa, sem amarras de marginalização, são capturados e bem-vindos aos movimentos de luta por igualdade e justiça.

Ao refletir acerca das mulheres negras de Evaristo, noto como elas são representadas de forma diferente aos estereótipos construídos por séculos pela literatura brasileira, uma vez que suas multiplicidades literárias são desenvolvidas e relacionadas a diversos elementos da sociedade, proporcionando dinamicidade às personagens e às suas relações com o social (Oliveira; Araújo, 2018, p. 130).

A escrita de Evaristo, não é uma escrita de militância, é uma valorização da memória a partir do ponto de vista das mulheres, ressaltando a identidade e cultura, desconstruindo pensamentos estereotipados e transformando numa visão consciente, visibilizando a vida de tantas mulheres negras, exploradas e taxadas por contextos e situações oriundos pelo racismo e preconceito.

Evaristo aproxima o leitor às suas obras ao misturar realidade e ficção em seus escritos, possibilitando enrijecer a luta das escritoras negras, ampliando o alcance de novos horizontes, modificando o discurso machista, sexista e racista. Uma linguagem que mescla a grandeza de uma mulher negra, o espaço que ela ocupa, a representação que ela enseja com o atacar ao opressor, o enfrentamento do poderio branco. Mulheres que, com luta, conseguiram ser protagonistas de suas histórias antes silenciadas, hoje ouvidas e que, atualmente, trazem sons de resistência, reinventando um futuro.

Uma mulher consciente do seu papel na sociedade do século XXI, preocupada com o social, com o direito humanitário, independente de classe, cor, cultura ou raça. Expõe os problemas enfrentados pelas minorias, especialmente as mulheres, oprimidas e exploradas sexualmente. Pela luta por melhores condições econômicas, as vozes ressoam, a negritude feminina aparece, mostrando seus desejos, suas nuances, seus desafios.

### 3 ÚRSULA E PONCIÁ VICÊNCIO: ESCRITAS DA RESISTÊNCIA

Expressamente, as obras que formam o *corpus* deste trabalho estão marcadas pelo horror por meio de aspectos que reconfiguram o passado, não pela via da história, mas pela da literatura. Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo dão corpo e voz à evidência de uma luta do negro em uma sociedade que era e ainda é segregadora, que insiste em práticas de exclusão amparadas pelo racismo estrutural que permeia nossa sociedade. No caso específico desta pesquisa, o olhar recai sobre a mulher negra autora nos contextos do século XIX e XXI.

A perspectiva que aqui se adota é da “literatura comparada” para o cotejamento entre as duas obras, como define Tânia Carvalhal (2006, p. 7, grifos da autora):

o sentido da expressão “literatura comparada” complica-se ainda mais ao constatarmos que não existe apenas uma orientação a ser seguida, que, por vezes, é adotado um certo ecletismo metodológico. Em estudos mais recentes, vemos que o método (ou métodos) não antecede à análise, como algo previamente fabricado, mas dela decorre. Aos poucos torna-se mais claro que literatura comparada não pode ser entendida apenas como sinônimo de “comparação”.

Assim, a ideia neste capítulo é colocar as duas obras em perspectiva em relação ao que as aproxima e as separa, num jogo de olhar por sobre a camada superficial da escritura. Como se configura o “aqui” e o “agora” das duas autoras? E em que medida isso vira personagens e enredo em *Úrsula e Ponciá Vicêncio*?

#### 3.1 *Úrsula e Ponciá Vicêncio*: a literatura como espaço de representatividade e identidade cultural

O ano de publicação do romance *Úrsula* foi um período turbulento, contexto de escravidão e opressão de mulheres e pessoas negras. A burguesia utilizava-se da seriedade para se diferenciar da classe trabalhadora, permitindo, assim, um controle social e um distanciamento e superioridade em relação aos que estavam nas camadas mais baixas da sociedade. Na narrativa vê-se como a classe dominante, através da escravidão e da exploração, adota essa atitude fria e calculada, desumanizando os trabalhadores e os escravizados, sempre observado como inferiores e alheios à alegria e à liberdade. Um mecanismo de controle, com postura rígida e distante, para

que justifique o domínio sobre os mais vulneráveis, negando, assim, a capacidade de expressão, liberdade e alegria e reforçando ainda mais a divisão de classes e poder.

O mundo patriarcal dissemina a crença de que a mulher é responsável por cuidar dos detalhes domésticos, da orientação direta na vida dos filhos, da casa, do cuidar do esposo, do lar. E trazendo a mulher negra ao debate, pode-se entender melhor como eram vistas, taxadas e tratadas. Úrsula e Ponciá são personagens que permitem enxergar insubordinação, independência e busca pelos desejos de liberdade que ainda não eram falados em bom tom, apenas sussurrados. Personagens que não tinham a direção ou a oportunidade de terem suas próprias vozes, contarem suas histórias ou participarem como protagonistas puderam ser vistas nas obras. Maria Firmina explorou a África com sua personagem Preta Susana, mostrando que era um lugar onde a felicidade existia, a paz reinava, as pessoas viviam em harmonia, tinham amizades, famílias.

Maria Firmina desafia a visão desumanizada do negro, humanizando as personagens e as personagens negras, retratando seu sofrimento, sua dignidade e sua resistência. No período colonial, a brutalidade era praticada pela sociedade escravocrata. Ela descreve personagens brancos que demonstram empatia e senso de justiça, rompendo com a visão dominante do século. Alguns personagens da elite são apresentados de forma que resistiam em aderir aos valores dos opressores e cruéis e demonstravam compaixão e solidariedade aos atingidos pela escravidão. Não compartilhavam da frieza, da indiferença, fazendo com que, nesse contexto, ocupassem um lugar de resistência moral oferecendo uma esperança para os marginalizados ao invés de perpetuarem o distanciamento emocional, que era comum. Rompiam com a ideia de “propriedade” dos escravizados e os reconheciam como seres humanos, permitindo, assim, construir uma sociedade mais justa.

As pessoas (históricas), ao se tornarem ponto zero de orientação, ou ao serem focalizadas pelo narrador onisciente, passam a ser personagens; deixam de ser objetos e transformam-se em sujeitos, seres que sabem dizer “eu” (Rosenfeld, 2009, p. 26).

A tradição literária do século XIX traz em seu bojo a história dos sujeitos marginalizados, como os negros escravizados, e as mulheres negras. Nesse contexto, eram objetificadas, seres passivos nas narrativas, figuras submissas, vítimas sem voz, permitindo que outros sujeitos fossem capazes de definir e palpitar sobre a vida dos desprezados, taxados como “inferiores”.

Maria Firmina insere personagens negros, escravizados, mas passíveis de autonomia, possuindo subjetividade própria, permitindo contar suas histórias e expressar sua humanidade, deixando de ser apenas “objetos”, “acessórios”, e passando a ser personagens centrais, que expressam suas dores, esperanças e experiências de forma autêntica, desafiando, assim, a objetificação e desumanização dos negros na literatura e na sociedade. Túlio e Suzana não são símbolos da escravidão, são sujeitos, expressando suas percepções sobre o mundo e suas relações em decorrência das opressões que sofrem. Dando voz, permite que sejam vistas e ouvidas como pessoas completas, e não como decoração do período retratado, cumprindo, assim, com o papel de “narradora onisciente”, transformando personagens antes silenciados em sujeitos conscientes e autônomos dentro da narrativa.

Antes vistos como “acessórios” da “elite”, como “agência”, o poder de ação que um sujeito tem sobre sua própria vida, não sendo controlado e definido por forças externas. Agora sendo classificados como “agência”, possuindo autoconsciência sobre a violência enfrentada, donos de sua própria história, tendo capacidade de agir e pensar por si mesmos, em vez de serem definidos por outros.

[...] Liberdade! Liberdade! ... Ah! Eu a gozei na minha mocidade! [...] Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias (Oliveira; Araújo, 2018, p. 120-121).

Um passado livre, uma vida simples, a alegria tranbordava. Sonhos, impulsividade que são dotados na adolescência eram plenos, e tudo iluminado pela natureza. O dia era harmonioso, a luz e o calor refletiam uma sensação de alegria e bem-estar. A inocência, o brincar e a existência tranquila remetem à liberdade, que só na África conseguiu alcançar. Um ambiente que não foi construído pelas mãos humanas e que não faz acepção de pessoas. A natureza, um espaço amplo, uma beleza extrema, local de tranquilidade, oceanos, florestas, areia, remetem a uma sensação de calma, de expansão de sentimentos. Ambientes naturais que libertam da rotina e das limitações impostas pela sociedade.

O ser humano pode transcender as barreiras e extravasar os sentimentos. A liberdade mental e emocional são alcançadas quando atos da sociedade e interesses

da vida humana são apagados da memória. Inserem-se os cenários naturais, a mente desconecta das pressões diárias, reflexões podem ser realizadas e uma paz interior é atingida. A harmonia com o mundo é vivida sem as restrições impostas pelas hierarquias sociais, sem a desumanização da escravidão. Descendentes de escravos não tiveram a facilidade de todos os demais povos da sociedade. Mesmo no momento em que as leis foram impostas e a “liberdade” foi contemplada, não gozaram de privilégios.

A personagem Ponciá Vicêncio, que dá título ao romance de Conceição Evaristo, tem espaço para contar sua história. O leitor escuta o que ela tem a dizer, a narrativa atua valorizando a mulher, dando importância para a voz da mulher negra. União, resistência individual e coletiva são traçados na obra mencionada. O poder transformador da literatura, ao ampliar a compreensão da cultura e da ancestralidade africana, revela perspectivas que transcendem a visão ocidental tradicional. Ao acolher esses saberes, uma literatura não apenas celebra a riqueza e a profundidade das raízes africanas, mas também desafia e reconfigura conceitos de identidade e pertencimento. Dessa forma, ela se torna um espaço de resistência e afirmação, onde a história, a espiritualidade e a criatividade africanas não são apenas preservadas, mas exaltadas.

O exercício de escrita da autora possibilita que pensemos em um caminho para o autoconhecimento e a valorização da diversidade cultural, permitindo-nos enxergar e compreender o mundo de uma forma mais completa, valorizando as perspectivas e saberes. Assumem, também, um papel de excursão histórica resgatando narrativas que antes estavam silenciadas por meio de imposições coloniais, e hoje enriquecem o imaginário cultural, abrindo portas para uma literatura inclusiva, onde diferentes histórias e identidades encontram espaço para conviver e dialogar, reconhecendo seu potencial transformador e sempre convidando novos membros para compor essa diversidade de vozes e perspectivas. Dessa forma, no campo fértil da literatura, culturas e histórias se entrelaçam, cada narrativa acrescenta uma nova camada de significado e entendimento, reafirmando a importância de uma sociedade que valoriza e aprende com as múltiplas identidades.

Ponciá, foi criada pela mãe, tinha um irmão, mas quase não o via, como seu pai. Ambos trabalhavam na roça e as visitas eram raras. Ponciá, desde pequenina, ajudava nos afazeres domésticos, fazia os trabalhos de barro com a mãe. E, por sinal,

fazia-os muito bem. Fez seu avô Vicêncio e, mesmo sem conhecê-lo, o esculpiu perfeitamente. Quando o pai de Ponciá viu o trabalho de barro, encantou-se por ele, achou-o idêntico. Esse trabalho é um obra de arte, então não pode vendê-lo. Não só a obra de arte parecia com Vicêncio, mas Ponciá também havia herdado tudo de seu avô. Quando criança, Ponciá tinha sonhos e queria realizá-los. Quando criança gostava de ser mulher, era feliz.

O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! Um dia também ela teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também (Evaristo, 2020, p. 25).

A voz dos silenciados tem grandeza, tem potência, carregam experiências e histórias que são essenciais para uma compreensão da sociedade, revelando realidades que desafiam narrativas dominantes oferecendo novas perspectivas. A sabedoria da velha Nêgua Kainda, personagem de *Ponciá Vicêncio*, demonstra a arte de ensinar e aconselhar, narrativas produzidas por Evaristo, enfatizando que o conhecimento e a experiência de vida são ferramentas essenciais na construção de identidades fortes e conscientes. Seus ensinamentos ressaltam a importância da coletividade e do diálogo, o passado e o presente se entrelaçam, criando experiência, conexão, acolhimento e integração de diferentes vozes, promovendo entendimento, inspiração, sempre reafirmando a necessidade de valorizar e ouvir histórias que moldam nossa cultura.

Depois Nêgua Kainda olhou os trajes de Luandi e deu de rir, mas com os olhos. Ria dizendo que o moço estava num caminho que não era o dele. Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia, sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus (Evaristo, 2020, p. 81).

O personagem da narrativa de Evaristo demonstra imprevisibilidade. A certeza que Luandi tinha de que era descendente de escravo, sabendo que sua situação não mudaria tão facilmente. Mas o que seria impossível, não era algo que poderia trazer desânimo. Então era preciso tornar-se possível. O primeiro passo é acreditar e continuar em busca do oposto. A busca pelo lugar desconfortável traz a quebra da linearidade, dos padrões previsíveis até então explorados nas literaturas conhecidas. Os textos escritos por uma mulher e negra são transgressores da normalidade. Falam

de vidas, de experiências, de vontades, de buscas por melhorias, amplia visões de um mundo tido como padronizado e o transforma, rompendo os estereótipos e discursos hegemônicos, refletindo as lutas diárias enfrentadas pelas mulheres negras em um mundo em que, muitas das vezes, são ignoradas e reduzidas a papéis limitados. Suas vozes e vivências são amplificadas, questionando e subvertendo as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade. Uma construção da literatura que reflete a diversidade da experiência humana, celebrando a riqueza das histórias narradas pelos personagens.

Ponciá Vicêncio, personagem criada por Conceição Evaristo, é uma figura importante do século XXI, capaz de nos fazer refletir sobre a condição de ser negra e mulher no Brasil. Menciona-se que Ponciá pulou fases de sua vida, não se arrastou, não engatinhou, já andou definitivamente. E esta sendo uma característica de seu falecido avô, Vicêncio, ainda bem emblemático, todos se espantavam pelas características tão similares e somente seu pai não se espantava. Uma experiência histórica e social no contexto pós-escravidão demonstra uma interrupção da infância, da vida natural, algo que é comum no contexto. Sendo forçada a amadurecer rapidamente, retrata a vida das mulheres negras que muitas das vezes, não tiveram o privilégio de vivenciar um desenvolvimento natural, sem interrupções. Foram e são lançadas prematuramente na sociedade, numa realidade de marginalização e opressão, sem tempo para sonhos, para vivência de uma infância saudável e contato com a perfeição da natureza. Na obra, a natureza não é observada, não é mencionada. Ponciá não tem condição de contemplar e experimentar tal paz interior vindoura da reflexão e paz nesse contato com a natureza.

A condição de Ponciá reflete a realidade de muitas mulheres que, por conta da escravidão e da desigualdade racial, tiveram que seguir diretamente para um trabalho árduo e luta, amadurecendo aceleradamente. Isso mostra que não há espaço para o crescimento gradual e as oportunidades não são oferecidas de forma clara e igualmente, não são todos que podem experimentar as fases do desenvolvimento natural do ser humano.

Na demarcação temporal, *Ponciá Vicêncio* não retrata o período da escravidão, mas sim o contexto pós-abolição. Então, seu avô, que participou e presenciou o período escravista, revela que o peso da vivência da escravidão, o passado escravista, molda as vidas futuras, as gerações posteriores. Mesmo que mencionem

que superaram esse passado, quem carrega a descendência sabe que o peso continua e que os efeitos da escravidão nas vidas de negros e negras no Brasil, marcas psicológicas e sociais da violência histórica, ainda permeiam em pleno século XXI.

As pessoas ao redor de Ponciá não se espantam, demonstrando que a sociedade mascara os acontecimentos e tentam passar por cima de algo que não existe possibilidade de esquecimento. E seu pai, que não se espantou, mostrou que participou dessa linhagem, sofreu e também sonhou como sua filha, mas foi silenciado e marginalizado pela herança vindoura da escravidão. A história que Ponciá carrega, transcende sua própria vida, a história de luta e sobrevivência que vem de seus antepassados. O passado que ela carrega traz uma carga emocional e psicológica marcada pelas opressões raciais e de gênero.

Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco, e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço certificou-se de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! (Evaristo, 2020, p. 17-18).

Num primeiro momento demonstra que o preconceito e a violência foram passados de gerações e a criança, o coronelzinho, por ser branco e detentor de “superioridade”, tinha curiosidade em saber se negros, considerados inferiores, eram capazes de aprender as “letras de branco”. Mas quando percebe que o negro é dotado da capacidade de absorver o conhecimento, igualando-o com o branco, o medo do empoderamento intelectual dos negros representava uma ameaça à ordem estabelecida no momento. Resolveu, assim, parar com a brincadeira, sendo possível enxergar aí o controle social da elite escravagista. Mesmo depois da abolição, o mecanismo de domínio sobre a população negra era a proibição ao acesso do conhecimento, restringindo, assim, a capacidade de questionar a opressão, organizando politicamente ou reivindicando direitos. O conhecimento é visto como algo perigoso, capaz de promover autonomia, mas Ponciá, mesmo carregando essa carga pesada, resiste às tentativas desse apagamento e de controle da sociedade.

### 3.2 Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo: escrita e rasuras do eu

Pensar na existência de um projeto estético, tanto de Maria Firmina dos Reis, quanto de Conceição Evaristo, ajuda-nos a compreender a intenção deste trabalho em entender como as obras escolhidas das duas autoras perpassam três campos distintos: literário, estético e político.

Colocar essas duas autoras em perspectiva comparada implica especificar, primeiramente, o que entendemos como “literatura comparada”:

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim (Carvalho, 2006, p. 8).

Dessa forma, nesse percurso, torna-se relevante demonstrar que a escrita contemporânea de Conceição Evaristo comprova que a fabulação não dá conta mais de representar a realidade. É preciso uma nova “gramática” estético-literária, que abarque a dimensão e potência de uma escrita que não chama, mas sim convoca o leitor a refletir sobre o caráter normativo e segregador que condiciona algumas subjetividades.

Passemos agora à demonstração de como a escrita de Maria Firmina dos Reis é comédia, reservada, e a de Evaristo é destemida, corajosa. O discurso da primeira revela uma ausência – o dilema de quem cala –, remontando à ideia de subserviência e de certa postura utópica na relação senhor/escravo idealizada pela autora na dinâmica da convicência entre as personagens brancas e negras em Úrsula.

Já em Conceição Evaristo temos uma escrita que apresenta uma voz que quer ser ouvida, que não aceita o silêncio imposto. Isso fica evidente nas palavras da própria autora que, em uma palestra, trouxe os personagens já criados por ela como sendo seus parentes, parte de sua família:

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso (Evaristo, 2017).

Para ela, o momento de criação dos personagens foi doloroso, às vezes se confundia com a criatura. A intensidade do processo de escrita foi profundamente emocional, uma relação íntima e visceral com suas criações, como se elas fossem de alguma forma “vivas” e fizessem parte de sua própria história. Inicialmente, não simpatizando com a protagonista, mas aprofundando em suas experiências e traumas, foi encontrando formas de entendê-la e de se conectar a ela. E revela esse desgaste emocional pelo comprometimento em dar voz aos personagens que representam realidades difíceis, mas também cheias de resistência e humanidade. Não sendo apenas uma invenção literária, mas um encontro íntimo, com as dores e alegrias de pessoas cujas vidas são complexas e multifacetadas, como a da personagem e que exigem um olhar atento e empático para serem compreendidas.

A personagem Ponciá Vicêncio tem espaço para contar sua história. O leitor escuta o que tem a dizer, a narrativa atua valorizando a mulher, dando importância para a voz da mulher negra. União, coletividade, resistência individual e coletiva são traçados na obra mencionada. O poder transformador da literatura, ao ampliar a compreensão da cultura e da ancestralidade africana, revela perspectivas que transcendem a visão ocidental tradicional. Ao acolher esses saberes, uma literatura não apenas celebra a riqueza e a profundidade das raízes africanas, mas também desafia e reconfigura conceitos de identidade e pertencimento. Dessa forma, ela se torna um espaço de resistência e afirmação, onde a história, a espiritualidade e a criatividade africanas não são apenas preservadas, mas exaltadas, possibilitando um caminho para o autoconhecimento e a valorização da diversidade cultural, permitindo-nos enxergar e compreender o mundo de uma forma mais completa, valorizando as perspectivas e saberes.

A escrita de Conceição Evaristo vem assumindo um papel de excursão histórica, resgatando narrativas que antes estavam silenciadas por meio de imposições coloniais, mas que hoje enriquecem o imaginário cultural e abrem portas para uma literatura inclusiva, na qual diferentes histórias e identidades encontram espaço para conviver e dialogar, reconhecendo seu potencial transformador e sempre convidando novos membros para compor essa diversidade de vozes e perspectivas. Dessa forma, o campo fértil de literatura, culturas e histórias se entrelaçam, cada narrativa acrescenta uma nova camada de significado e entendimento, reafirmando a importância de uma sociedade que valoriza e aprende com as múltiplas identidades.

A cor da pele é frequentemente associada a estereótipos negativos, impondo uma ideia de que a pessoa negra deveria ser subjugada, silenciada ou apagada. E, na realidade, é uma cor cheia de significado e força, representando a vida em plenitude, potência e valor. A forma como a pessoa negra se faz ouvir no mundo, expressão de resistência, cultura e alegria, não é algo marginal, mas acolhedor e integrado, capaz de preencher os espaços que antes eram negados. Vitalidade e autenticidade são características que afirmam a identidade, rejeitando construções históricas que tentam os tornar submissos, reduzir à dor ou ao silenciamento. Essas manifestações são uma forma de ocupar e transformar o espaço social. Mulher negra tem sonhos, aspira uma vida diferente de seus antepassados, sonha em melhorar de vida e resgatar sua família para que tenham liberdade, autonomia e sejam donas de suas próprias vidas, mas que se vê constantemente sobrecarregada pelas responsabilidades familiares, pela opressão racial e que as confinam a papéis tradicionais e subalternos. Violência de gênero, dificuldade de construir um projeto de vida pessoal, trabalho não remunerado, ainda são reconhecidos séculos à frente do término da escravidão.

Enxerga-se como Ponciá Vicêncio luta para reconciliar seus desejos pessoais com as expectativas sociais e familiares, vivendo numa sociedade opressora, onde o reconhecimento de sua identidade e liberdade são constantemente negados pela sociedade patriarcal e escravocrata. Apesar de todo seu sofrimento e limitações, a protagonista busca transformar seu destino através da resistência interna e externa. Deseja a emancipação, desafia a ideia de que a adaptação à realidade opressora é o único caminho legítimo, abrindo espaço para uma afirmação de si mesma que transgride a ideia de ordem e clareza impostas pela sociedade. Assim, a luta pela liberdade e autonomia passam pela ruptura com a ignorância, pela capacidade de pensar criticamente e de buscar alternativas, rompendo com as amarras do autoritarismo e da subordinação.

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova (Evaristo, 2017, p. 30).

Ponciá, cansada para viver, mas sem coragem para morrer, cansada de tudo que acontecia na roça, de lutar e somente as benfeitorias e as glórias ficarem com os brancos, resolveu traçar novos rumos, outros caminhos. Pegou o trem e rapidamente foi para a cidade, tão rápido que nem deu tempo de se despedir de seu irmão. Ela rompe com a realidade de exploração e opressão, refletindo o isolamento e a dor de uma escolha solitária. A rapidez no ato, sem dar tempo de despedidas ou reflexões, mostra que ela não suportava mais as condições de vida em que estava inserida, buscando uma libertação, mesmo sem saber o que a esperava. Ela tenta mudar, não apenas geograficamente, mas também é uma tentativa de mudança interior, escapando da rigidez das estruturas sociais e familiares que a oprimem.

Quando se deparou com a cidade, descendo do trem, ficou com medo, preocupada com o novo, com o “ser sozinha”. Não conhecia ninguém; ela tinha apenas dezenove anos de idade. Esse medo avassalador é um receio natural diante do que é desconhecido e da solidão de ser uma jovem em um ambiente completamente diferente. A vastidão e impessoalidade da cidade a fez confrontar não apenas a insegurança física que sentia, mas também a insegurança emocional, o vazio de não ter raízes ou uma rede de apoio. Um ser anônimo numa multidão indiferente. Essa busca por melhorias, por liberdade, agora esbarrava na dura realidade da solidão urbana, uma existência solitária e vulnerável. Isso reflete a realidade de qualquer pessoa que se lança diante de um novo começo, sem o conhecimento prévio, sem as condições para enfrentar o que vem pela frente, mas também é um reflexo da coragem necessária para tentar reescrever sua história, mesmo diante do medo.

Embora o desejo de libertação fosse forte, a realidade do pós-abolição era marcada por uma sociedade hostil e cheia de desafios. A liberdade conquistada não significava uma verdadeira autonomia, mas um isolamento brutal nas cidades ou áreas rurais, onde as mulheres, sem recursos, apoio ou um lugar legítimo na sociedade, se viam forçadas a reconstruir suas vidas a partir do nada. Muitas, então, se viam presas a uma solidão urbana ou ao abandono, com a sensação de que a luta por sobrevivência continuava, agora de outra forma, sem a proteção das senzalas, mas também sem as condições mínimas para garantir sua dignidade e segurança.

Nesse contexto, a falta de opções e a pressão social e econômica frequentemente levavam essas mulheres a novos relacionamentos, nem sempre por desejo genuíno, mas pela necessidade de segurança e estabilidade. Muitas, sem

alternativa viável, se viam obrigadas a entrar em vínculos com homens que, embora não fossem escravizadores como os antigos senhores, muitas vezes impunham uma nova forma de subordinação, seja por meio de abusos ou controle. A solidão, tanto física quanto emocional, e o medo de um futuro incerto alimentavam a busca por um “companheiro”, ainda que esse relacionamento fosse marcado por desigualdades e pela perpetuação de um ciclo de dependência.

Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (Evaristo, 2017, p. 19).

A ânsia por autonomia e a necessidade de escapar das amarras de um sistema que as submetia e desumanizava é verificada no momento em que ela deseja “virar homem”. A ideia de atravessar no arco-íris, transição, mudança, representando o desejo de romper com uma identidade que a sociedade as limitou a papéis de subordinação. E essa solidão urbana? A falta de alternativas viáveis a fizeram retomar seu papel de cuidadora, preparando janta do agressor, contradizendo o desejo de liberdade com a realidade de uma existência sem opções, ecoando o ciclo de dependência e resistência que muitas mulheres, especialmente aquelas que buscaram a liberdade após a escravidão, vivenciaram. Mesmo com pensamentos transformadores se viam aprisionadas nas estruturas de poder e controle, sendo forçadas a reconhecer sua própria fragilidade frente à opressão ainda vigente.

O medo de Ponciá ao chegar na cidade não se resume apenas à insegurança de um novo começo, mas reflete os múltiplos medos que as mulheres enfrentam em uma sociedade que frequentemente as marginaliza, exclui e as coloca em posições de vulnerabilidade.

A pessoa por quem Ponciá Vicêncio estava enamorada era um homem que trabalhava em uma construção civil ao lado do emprego dela. Ele também estava enamorado e observava que ela era uma pessoa muito ativa. Estava sempre a lidar. Era bonita (Evaristo, 2017, p. 56).

Mulheres que sofrem abusos por parte de seus maridos, muitas vezes, enfrentam uma dura realidade onde, no início, eles se mostram encantadores, mascarando sua verdadeira natureza. Porém, uma vez que conquistam o que desejam, as máscaras caem e eles revelam sua verdadeira face, agindo com violência, controle e exclusão. Acontece uma complexa dinâmica de poder entre o

homem e a mulher, onde ele reconhece a força e a autonomia dela, mas a vê não como uma parceira igual e sim como alguém superior, que ele precisa para preencher suas próprias lacunas emocionais e existenciais. Ele se impressiona com sua tenacidade e seu olhar voltado para o futuro, atributos que ele percebe como distantes da sua própria realidade limitada e solitária. Sua admiração, no entanto, não é acompanhada por respeito genuíno por sua independência, mas por uma necessidade de dominar ou absorver essa força que ele não consegue acessar.

Ele gostava da tenacidade dela, de seu olhar adiante. Era uma mulher sozinha e muito mais forte do que ele. Era de uma pessoa assim que ele precisava. Ele estava também a trabalhar, só que sozinho e não conseguia nem sonhar. Ela, entretanto, figurava ser a dona dos sonhos, parecia morar em outro lugar. (Evaristo, 2017, p. 56).

É a mulher, ocupando uma posição de liberdade e autonomia que o homem não consegue alcançar. Representando não apenas a independência, mas também um sonho que ele não consegue sonhar. Liberdade feminina, expectativas sociais que aprisionam o homem, e a mulher é tratada como uma projeção do que ele deseja ser. Nesse caso, uma mescla de admiração e frustração. Padrão comum na sociedade patriarcal. Ao invés de serem valorizadas pelo seu potencial, tornam-se objeto de controle, pois ao mesmo tempo que é desejada é temida, criando um ciclo de opressão e dominação velado, a liberdade feminina é apagada ao invés de ser celebrada.

O medo dessas mulheres se estende não apenas ao parceiro abusivo, mas também ao julgamento e à rejeição de suas próprias famílias. Em muitos casos, os familiares, imersos em normas culturais e sociais rígidas, não conseguem compreender a gravidade da situação. Pelo contrário, podem até culpabilizar a mulher, questionando suas escolhas ou insistindo para que ela “suporte” a relação em nome da preservação da família ou da reputação. Esse medo do estigma social e a pressão para manter as aparências levam muitas mulheres a permanecerem em relações abusivas, aprisionadas não apenas pela violência física e psicológica, mas também pela culpa e vergonha impostas pela sociedade.

Ponciá Vicêncio achava que os homens falavam pouco. O pai e o irmão tinham sido exemplos do estado da quase nudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo. Ele também falava só o necessário (Evaristo, 2017, p. 57).

Outro medo profundamente enraizado é o da solidão e da vulnerabilidade ao buscar apoio fora de casa. Muitas mulheres temem que, ao denunciar ou buscar ajuda,

acabem sendo desamparadas, principalmente quando não têm uma rede de apoio. A dependência emocional ou financeira, muitas vezes resultante de uma cultura patriarcal que restringe o papel da mulher a certos limites, intensifica esse medo. A ideia de que a mulher é “incapaz” de viver sozinha ou de sustentar a si mesma torna ainda mais difícil para ela tomar a decisão de romper com o abuso. Esse medo do desconhecido, da vida sem o parceiro, é uma das amarras mais difíceis de se quebrar.

Além disso, o medo da violência mais extrema também se coloca como uma barreira. Muitas mulheres têm receio de que, ao tentar se libertar, o agressor se torne ainda mais violento. O ciclo de abuso, que muitas vezes envolve ameaças de morte ou outras formas de retaliação, cria um ambiente de terror psicológico que pode paralisar a mulher, tornando ainda mais difícil sua fuga. Mesmo que haja o desejo de sair da relação, o medo da repercussão e da falta de proteção torna o processo de ruptura doloroso e cheio de inseguranças. Isso é agravado pela falta de apoio institucional em muitos casos, onde os mecanismos de proteção não são suficientes para garantir a segurança e a autonomia dessas mulheres, mantendo-as presas em um ciclo de abuso e medo constante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vislumbrando como as tensões entre o princípio de realidade e a busca por uma cultura que valoriza a ordem e a clareza se manifestam nas narrativas de resistência e afirmação das personagens de *Úrsula* e Ponciá Vicêncio, é possível observar como ambas as protagonistas desafiam as estruturas que buscam impor a elas uma conformidade com uma realidade opressora. Em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, a protagonista descendente africana se vê desafiada por uma sociedade escravocrata que exige sua subordinação, não apenas como mulher, mas também como ser humano.

Ao longo da obra, *Úrsula* experimenta as dores da escravidão, mesmo não sendo vítima da violência física, mas era parcitipante e enquadrada no quesito da marginalização. Sua trajetória não é de simples aceitação passiva da “ordem” imposta. Sua luta é uma afirmação do desejo de liberdade e de autonomia, um movimento contrário à “seriedade” que o mundo lhe exige. Quando *Úrsula* busca o amor e a liberdade, ela se recusa a se adaptar ao “princípio de realidade” que dita que pessoas negras, especialmente mulheres, não têm espaço para tais aspirações. Esse enfrentamento com a realidade opressiva revela que, para *Úrsula*, a contenção dos próprios desejos não se traduz em uma adaptação resignada, mas sim em um campo de luta por sua identidade e por sua liberdade.

Por sua vez, em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, a protagonista também se vê diante de uma realidade que, como em *Úrsula*, tenta limitar suas possibilidades. Ponciá vive em um contexto de racismo estrutural e imposição do patriarcado, onde as expectativas sobre sua vida são definidas pela dor e pelo sofrimento. Contudo, ao contrário do que o “princípio de realidade” impõe, Ponciá se recusa a se adaptar à condição de vítima passiva e luta para reconstruir sua vida e seus próprios desejos. Ao longo da obra, a personagem vai se afastando de uma lógica de aceitação da “ordem” e do “realismo” que são exigidos dela, buscando formas de afirmar sua autonomia e identidade como mulher negra. Ponciá não só resiste, mas reconstrói suas próprias normas e valores em oposição à visão de mundo que limita suas escolhas e sua liberdade.

Assim, tanto em *Úrsula* quanto em *Ponciá Vicêncio* vemos que a “contenção dos próprios desejos” que Moretti (2003) descreve como uma forma de “cultura” ou

“estilo” de adaptação social, longe de ser aceita como um valor, é questionada e desafiada pelas protagonistas. A contenção que as personagens enfrentam não é um sinal de conformidade ou passividade, mas sim um ponto de tensão e resistência, onde a busca por liberdade e autoafirmação torna-se um ato de transgressão. Como nos ensina Moretti (2003), a adaptação ao “princípio de realidade” se torna, para Ursula e Ponciá, uma imposição que precisa ser questionada, transformada em luta e, finalmente, em um novo estilo de ser. Dessa forma, a contenção não é vista como repressão, mas como uma força transformadora, onde a resistência se configura como uma nova forma de cultura e existência.

As obras *Úrsula* (2018) e *Ponciá Vicêncio* (2021) das autoras pertencentes a séculos distintos, XIX e XXI, demonstram que a interrupção do aprendizado, a restrição da liberdade, os sonhos, as vozes silenciadas, são presentes em ambos os contextos. Passados séculos a frente e ainda são vistos, ainda possuem marcas do silenciamento, dominando agora, não apenas fisicamente, mas também psicologicamente. Mas mostrando que mesmo no período escravocrata existiam pessoas que necessitavam de socorro e lutavam para que isso um dia fosse alcançado. Marcas seriam deixadas e seus sucessores conseguiriam alçar voz e encontrar a paz que tanto foi reprimida.

A educação tem um poder transformador. O conhecimento e a educação são formas de empoderamento; a instrução é uma ferramenta essencial para combater a ignorância, a opressão e a desigualdade. E é na literatura que Maria Firmina dos Reis conseguiu expandir sua crítica, abordando a escravidão e suas consequências num teor estético e profundamente humano. Não apenas denuncia a escravidão, a violência, mas deu voz aos negros e escravizados, mostrando sua humanidade e sua resistência por permanecer no período, abrindo, assim, possibilidades para a libertação e a transformação social através do conhecimento.

*Úrsula* é uma narrativa que dialoga com as limitações sociais e estruturais impostas às mulheres, especialmente negras. A protagonista tem uma realidade em que a desigualdade social molda a sua vida. Embora sua situação de mulher livre, mas subjugada por um sistema patriarcal e escravocrata, seja diferente da condição das mulheres negras escravizadas, a opressão pelo qual ela passa é semelhante às dificuldades enfrentadas por muitas mulheres até hoje. A educação e a luta pela autonomia por meio das escolas ou por escolhas pessoais, são limitadas pelas

normas sociais que determinam o lugar da mulher na sociedade. Lugares estes restritos muitas vezes ao cuidado doméstico, ao silêncio e à obediência. A reflexão contemporânea sobre como as mulheres, independente de sua classe social ou etnia enfrentam barreiras para viver com liberdade e ser cidadã se faz importante. O trabalho não remunerado, o assédio e a violência, a impotência de construir projetos próprios de vida devido à sobrecarga das responsabilidades impostas, a dificuldade de conciliar as demandas, mostra que é uma batalha constante, envolvendo questionamentos dos mais próximos, incluindo a invisibilidade social e as limitações no acesso a direitos fundamentais, realidade que persiste na modernidade e que precisa ser combatida.

Essas limitações impostas às mulheres continuam a serem vistas e discutidas na obra de Conceição Evaristo. Ponciá Vicêncio, a personagem, enfrenta os desafios de viver numa sociedade que ainda é desigual e patriarcal. São representações de mulheres que, apesar das mudanças no contexto histórico e social, continuam a enfrentar as mesmas dificuldades. Ambas as obras mostram a luta pela identidade, liberdade e dignidade feminina, com uma consciência de que muito se tem ainda que conquistar e que não se podem calar. É preciso persistência e resistência.

O machismo, disfarçado sob a fachada do cuidado, não passa de uma forma dissimulada de controle, uma ideologia que anula a identidade e impede qualquer tipo de emancipação. As mulheres, enredadas por esse discurso, eram privadas de seus próprios sonhos e desejos. Sem acesso à informação, sem possibilidade de se conectar com o mundo fora dos limites estreitos de suas realidades, suas aspirações eram restritas ao mínimo: a esperança de encontrar um parceiro que as amasse, mas que, na verdade, perpetuava um ciclo de subordinação e opressão, mantendo-as subjugadas ao autoritarismo velado. Esse contexto, mascarado de cuidado, ocultava uma violência estrutural que as impedia de se reconhecer como sujeito ativo de sua própria história.

A opressão se dava também por meio de uma visão cultural distorcida, onde o casamento e a maternidade eram tidos como os únicos caminhos para a realização feminina. As mulheres eram avaliadas não por suas capacidades intelectuais, mas pela sua capacidade de se conformar aos papéis tradicionais. A sociedade as via como seres destinados a sentir, não a pensar; a aceitar sua condição subalterna, sem questionar. A ideia de que, ao “pensar”, elas parariam de viver reforçava o conceito

de que a verdadeira felicidade era a obediência cega às normas sociais e familiares, enquanto o intelecto era tratado como algo perigoso, capaz de subverter a ordem estabelecida.

Em meio a essa opressão, algumas se refugiavam em crenças que justificavam sua submissão como se fosse a vontade divina. Essa crença, longe de ser um refúgio genuíno, acabava sendo mais uma ferramenta de controle, que as impedia de reivindicar seus direitos e de buscar um espaço de voz na sociedade. O conhecimento, como um direito fundamental, era o que poderia libertá-las, oferecendo a chance de falar e ser ouvida. Mas, para isso, seria necessário romper com as amarras do autoritarismo e da ignorância que mantinham suas vozes silenciadas. A liberdade e a autonomia só seriam conquistadas quando elas tivessem a oportunidade de aprender, questionar e se afirmar como seres plenos de dignidade e poder.

Perda da inconsciência, algo confortável e fundamental para a vida, mas no contexto impede uma visão clara da realidade, que é o que essas práticas nos remetem, a aceitar como condição divina e continuar caminhando sem rebelar. Muitos grupos oprimidos, ao longo da história, foram condicionados a aceitar sua posição na sociedade como algo imutável, muitas vezes justificando essa submissão por meio de crenças religiosas ou sociais. A desconstrução dessa aceitação é algo difícil, mas importante para alcançar a liberdade e autonomia, sendo o primeiro passo para a transformação. Somente quando rompe com essa falsa percepção de destino é que se consegue resistir à sua opressão, buscando seus direitos e dignidade. O conhecimento é o principal meio para superar essa opressão e alcançar a liberdade. Quando se toma consciência da realidade e das possibilidades de ação, as pessoas começam a perceber que podem e devem transformar sua condição. A educação, o questionamento e o direito à informação são essenciais nesse processo de emancipação. Sem a oportunidade de aprender, refletir e se afirmar como sujeitos plenos de dignidade, as vozes dos oprimidos continuam silenciadas.

Ambos os romances, a conformidade social e a necessidade de realismo, se chocam com a força das personagens que, embora inseridas em um sistema de opressão, buscam formas de resistência que não se limitam à repressão de seus desejos, mas sim à criação de novas possibilidades de existência. O personagens, se recusam a ver suas vidas como uma simples adaptação às normas preestabelecidas, mostrando que a contenção dos desejos não precisa ser vista como uma forma de

submissão, mas como uma construção ativa de novos caminhos para a liberdade. Mostram como a transgressão e o resgate da própria identidade são também práticas culturais e estilos de resistência.

Entrelaçando *Úrsula* (2018) e *Ponciá Vicêncio* (2021), das autoras pertencentes a séculos distintos, XIX e XXI, percebe-se que a interrupção do aprendizado, a restrição da liberdade, os sonhos e as vozes silenciadas estão presentes nos dois romances. Passados séculos à frente e ainda possuem marcas do silenciamento. Dominando agora, não apenas fisicamente, mas também, psicologicamente. Mas, mostrando que mesmo no período escravocrata existiam pessoas que necessitavam de socorro e lutavam para que um dia fosse alcançado. Marcas seriam deixadas, e seus sucessores conseguiriam alçar voz e encontrar a paz que tanto foi reprimida.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Wendell Ficher Teixeira. Do colonialismo a colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 613-627, set./ dez., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/mT3sC6wQ46rf4M9W7dYcwSj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- BERND, Zilá. Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária. *In*: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História/ Novas Perspectivas**. São Paulo: Edunesp.1992.
- BERND, Zilá. Depoimento. **Literatura e Identidade Nacional**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2003.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2006.
- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 103-116.
- IANNI, Octavio. Literatura e consciência. **Estudos Afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 208-217, jun. 1988.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: Colocações gerais. *In*: JAUSS, Hans Robert. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coordenação e Tradução de Luiz Costa Lima. p. 67-84.
- JINZENJI, Mônica Yumi. **Leitura e escrita femininas no século XIX**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2011.
- LOCKE, John. **Ensaio sobre o Entendimento Humano**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2019.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-95, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb>. Acesso em: 15 mar. 2024.

LUKÁCS, György. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MORAIS FILHO, Nascimento. **Maria Firmina**: fragmentos de uma vida. São Luís: Gráfica Gramada, 1975.

MORETTI, Franco. O século sério. **Novos estudos**, CEBRAP, n. 65, p. 3-33, 2003. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4130371/mod\\_resource/content/1/Moretti%20-%20O%20s%C3%A9culo%20s%C3%A9rio.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4130371/mod_resource/content/1/Moretti%20-%20O%20s%C3%A9culo%20s%C3%A9rio.pdf). Acesso em: 15 nov. 2024.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 247-260, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400>. Acesso em: 15 set. 2024.

NASCIMENTO, A. **O Negro Revoltado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina (Análisis). In: *Ecuador Debate*. Descentralización : entre lo global y lo local. Quito: CAAP (n. 44, ago. 1998). p. 227-238. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/6042>. Acesso em: 22 nov. 2024.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SCHMIDT, Rita Teresinha. Cânone e contra-cânone: nem aquele que é o mesmo nem este que é o outro. In: CARVALHAL, Tânia Franco (org.). **O discurso crítico na América Latina**. Porto Alegre: IEL; Editora da Unisinos, 1996. p. 11-21.

SHOWALTER, Elaine. **A doença feminina**: mulheres, loucura e cultura inglesa, 1830-1980. Editora Virago, 1987.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart de Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TODOROV, Tzvetan. O que pode a literatura? In: TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad.: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. p. 73-82.

WOOLF, Virgínia. **Mulheres e ficção**. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019. p. 9-19.

XAVIER, Elódia. Tudo no feminino: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. In: XAVIER, Elódia. **Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p. 9-16.

OLIVEIRA, Amanda Helena Martins de; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. Maria Firmino dos Reis: uma história da escrita feminina e negra no século XIX. **Revista Sociedade Cultura, Patrimônio**, Semana de História do Pontal - Encontro de Ensino de História, 25 a 28 de setembro, 2018. Disponível em:

[https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/amanda\\_helena\\_martins\\_de\\_oliveira.pdf](https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/amanda_helena_martins_de_oliveira.pdf). Acesso em: 22 out. 2024.